



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

GENAURA SOARES DE LIMA NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR E METODOLOGIAS DE
ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

GENAURA SOARES DE LIMA NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR E METODOLOGIAS DE
ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Joana D'arc Araujo Ferreira.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244i Nascimento, Genaura Soares de Lima
A importância do planejamento escolar e metodologias de ensino utilizadas nas aulas de geografia [manuscrito] / Genaura Soares de Lima Nascimento. - 2016.
72 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Joana d'Arc Araújo Ferreira, Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia 2. Planejamento escolar 3. Prática docente 4. Metodologia de ensino I. Título.

21. ed. CDD 372.891

GENAURA SOARES DE LIMA NASCIMENTO

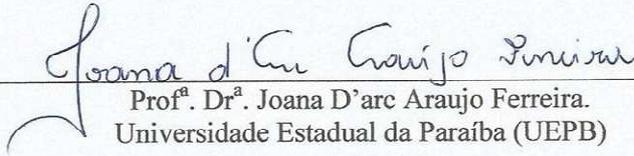
A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR E METODOLOGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

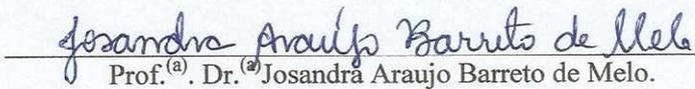
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

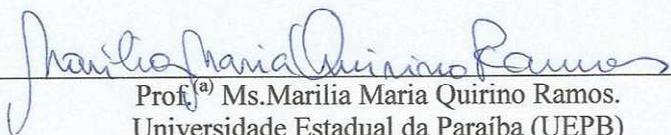
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joana D'arc Araujo Ferreira.

Aprovado (a) em: 20/10/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Joana D'arc Araujo Ferreira.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^(a) Dr.^(a) Josandra Araujo Barreto de Melo.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^(a) Ms. Marília Maria Quirino Ramos.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

À minha avó, Edvirgens Soares dos Santos (*in memoriam*), por seu exemplo como professora, profissão que se dedicou e me deixou como legado.

E à minha mãe, por todo seu esforço para me fazer chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus por me capacitar e me dá forças e oportunidade de concluir este Curso.

Agradeço à minha mãe Lindomar, pelo carinho e dedicação, e por toda ajuda para que eu pudesse chegar até a conclusão desse Curso.

Agradeço ao meu esposo Antonio Carlos, pelo companheirismo, ao meu filho Carlos Yuri, e à minha família, pelo respeito e por estar sempre presente nos momentos difíceis.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de turma com quem compartilhei esses anos de experiência de vida acadêmica e pelos momentos de amizade e apoio.

Em especial agradeço a professora Joana D'arc Araujo Ferreira, pela atenção e por ter vivenciado comigo os momentos da realização deste Trabalho.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Agradeço ao Departamento e à Coordenação do Curso de Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba.

A todos os professores do Curso de Geografia da UEPB, que durante o curso contribuíram para que eu viesse a adquirir conhecimento científico durante a jornada acadêmica.

Aos componentes da Banca: Prof.^{ta}. Dr.^a. Joana D'arc Araujo Ferreira; Prof.^(a). Dr.^(a) Josandra Araujo Barreto de Melo; Prof.^(a) Ms. Marilia Maria Quirino Ramos.

Às minhas diretoras, Alba Ledano dos Santos e Ana Neri Ribeiro de Queiroz, que me deram a oportunidade de lecionar a disciplina que tanto amo, Geografia.

A todos os meus alunos e colegas de Trabalho.

Dá instrução ao sábio, e ele se fará
mais sábio ainda; ensina ao justo, e
ele crescerá em prudência.
O temor do SENHOR é o princípio
da sabedoria, e o conhecimento do
Santo é prudência.
Salmos 9: 9 e 10

RESUMO

NASCIMENTO, Genaura Soares de Lima. **Planejamento Escolar e Metodologias de Ensino utilizadas nas aulas de Geografia**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB, Campina Grande, Paraíba.

Este Trabalho analisa um dos aspectos da prática docente que, além de importante, é norteador para a vida do docente, que é o planejamento de atividades, cujo objetivo principal é pesquisar conceitos que envolvem o planejamento escolar das aulas de Geografia e apresentar algumas metodologias que se fazem necessárias para flexibilizar a execução do plano de aula. A preocupação em apresentar a necessidade de planejar, bem como a sua importância, surge a partir de experiências vivenciadas e das dificuldades que algumas vezes o docente encontra em alcançar os objetivos, e também impedem a compreensão dos alunos, por falta de uma metodologia que consiga chamar sua atenção. Desta forma, foi abordado nesse Trabalho questões tais como o porquê de planejar e mudar de metodologia e a importância de planejar as aulas de Geografia, visto que esse é o ponto primordial desse Trabalho, além de serem apresentadas as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia e sugestões de recursos didáticos para professores de Geografia. Tratamos dessa maneira o planejamento como algo construtivo, que levará o professor a organizar os conteúdos, determinando quais os objetivos que pretende alcançar, bem como colocar as metodologias como uma ferramenta que auxilia o professor a encontrar meios de executar seu plano para melhorar a aprendizagem dos alunos. Trata-se de um Trabalho, realizado numa perspectiva qualitativa, através das intervenções pedagógicas, enquanto graduanda do curso de Geografia da UEPB, no Instituto Ana Nery e no Colégio Geração 2000, Campina Grande – PB, no período do ano letivo de dois mil e dezesseis, onde foram aplicados questionários com doze questões para os discentes das duas Instituições de Ensino citadas acima, para que fosse analisado como os alunos receberam as aulas planejadas com metodologias diferentes. O método utilizado para análise dos questionários foi predominantemente o método fenomenológico. Além dos questionários, também houve a confecção de maquetes pelos alunos com o tema Jogos Olímpicos.

Palavras chave: Geografia; planejamento; professores; ensino; metodologias.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Genaura Soares de Lima. **School and education planning methodologies used in geography lessons.** 2016. Work Completion of course, the Full Degree in Geography – UEPB, Campina Grande, Paraíba.

This work analyses one of the aspects of the teaching practice which, besides important, it is guiding for the teacher's life, that is the activities planning, which main goal is to search for concepts that involves the school planning of the Geography's classes and to present some methodologies that are necessary to flexibilize the execution of the class plan. The concern to present the necessity of planning, as well as its importance, comes up from lived experiences and from the difficulties that sometimes the teacher finds in achieve the objectives, and also prevents the students' comprehension, for lack of a methodology that can draw their attention. Thus, it was approached in this work questions such as why to plan and to change of methodology and the importance of planning the Geography's classes, since this is the primary point of this work, besides being presented the methodologies used in the Geography's classes and suggestions of didatic resources to Geography's teachers. We treat this way the planning as something constructive, that will lead the teacher to organize the contents, determining which objectives he intends to achieve, as well as to put the methodologies as a tool that help the teacher to find ways to execute his plan to improve the students' learning. It is about a work, made in a qualitative perspective, through the pedagogical interventions, while graduate student of the Geography's course of UEPB, in the Instituto Ana Nery and in the Colégio Geração 2000, Campina Grande - PB, in the academic year of the period of two thousand and sixteen, which they were applied questionnaires with twelve questions to the students of both Educational Institutions cited above, to be analyzed how students received the planned classes with different methodologies. The method used to the analysis of the questionnaires was predominantly the phenomenological method. Besides the questionnaires, there was also the making of mockups by the students with the theme Olympic Games.

Key words: Geography; Planning; Teachers; Teaching; Methodologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Localização do Instituto Ana Nery no bairro Liberdade.....	58
Figura 2 Localização do Colégio Geração 2000 no bairro Bela Vista.....	59
Figura 3 Gráfico: O que você acha das aulas de Geografia?.....	61
Figura 4 Gráfico: Qual tipo de recurso didático usado nas aulas de Geografia, você prefere?.....	62
Figura 5 Gráfico: Qual disciplina escolar você mais gosta?.....	62
Figura 6 Maquete confeccionada por um aluno do Instituto Ana Nery.....	63
Figura 7 Maquete confeccionada por um aluno do Instituto Ana Nery.....	63
Figura 8 Maquete confeccionada por um aluno do Colégio Geração 2000.....	64
Figura 9 Maquete confeccionada por um aluno do Colégio Geração 2000.....	64
Figura 10 Maquete confeccionada por um aluno do Instituto Ana Nery.....	65
Figura 11 Maquete confeccionada por um aluno do Colégio Geração 2000.....	65
Figura 12 Maquete confeccionada por um aluno do Colégio Geração 2000.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1. Repensando o planejamento e a metodologia.....	13
1.1. Planejamento básico.....	16
1.2. Metodologias básicas.....	19
2. A importância de planejar as aulas de Geografia.....	21
2.1. O ensino de Geografia.....	23
2.2. Por que planejar?.....	25
2.3. Planejamento das aulas de Geografia nas escolas.....	29
2.4. Considerações sobre a função primordial do professor.....	39
3. O ensino de Geografia.....	40
3.1. Análise da forma de ensino de Geografia.....	42
3.2. A metodologia como forma de colocar em prática o planejamento.....	44
3.3. Como mudar a metodologia utilizada?.....	46
4. Recursos Didáticos: sua importância e sua utilização.....	47
4.1. Recursos didáticos mais utilizados nas aulas de Geografia	49
4.2. O uso do Livro didático de Geografia.....	52
4.3. Sugestão de recursos didáticos para professores de Geografia.....	54
3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO DA PESQUISA.....	58
3.1. Localização e representação cartográfica.....	58
3.2. Caracterização física e ambiental.....	59
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A - Questionário aplicado no Ensino Fundamental II.....	72

INTRODUÇÃO

Com base em experiências vivenciadas no Colégio Geração 2000, situado na Av. Rio Branco, 1369, Bela Vista, e no Instituto Ana Nery, situado na R. São Paulo, 435, no bairro da Liberdade, ambos localizados na cidade de Campina Grande – PB, bem como no planejamento escolar voltado às séries do Ensino Fundamental II, das Instituições de Ensino citadas, surgiu este Trabalho, cujo objetivo principal é pesquisar conceitos que envolvem o planejamento escolar e as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia. Sabendo que o ato de planejar em si, ao mesmo tempo, também é voltado para o que podemos caracterizar como planejamento geral e planejamento escolar, tendo como ênfase as aulas de Geografia do Ensino Fundamental II. Neste sentido, pode-se dizer que o Planejamento é a parte primordial para que a aula aconteça, e que é necessário saber planejar e recorrer a recursos que fujam ou, pelo menos, não fique limitado apenas àqueles que são recomendados pelos livros didáticos. Portanto, o desenvolvimento deste Trabalho é voltado para a importância de planejar as aulas e o ato de dinamizar as mesmas através de metodologias que envolvam os alunos no processo de ensino e aprendizagem.

De maneira geral, o objetivo desse trabalho é refletir sobre a necessidade do ato de planejar, tendo em vista, o aprimoramento dos planos já feitos, a fim de alcançar novos objetivos, para isso, é necessário que novas metodologias sejam usadas em sala de aula, pois mesmo que o plano muitas vezes não possa ser colocado em prática da maneira desejada causando frustração no docente. Há necessidade de estabelecer novos objetivos no planejamento escolar, sabendo que este não é requisito apenas para aulas do Ensino Fundamental, mas também no Ensino Médio, onde se têm a errônea ideia de que o foco será o Enem, e, portanto, objetivos e metodologias para os conteúdos convencionais serão deixadas de lado, cada vez que forem apresentadas nesse nível de ensino. O planejamento, em suas inúmeras esferas, é a oportunidade do professor colocar em prática seus alvos, além de discutir e traçar novas práticas educativas, e que estas venham a contribuir de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem.

2. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR E METODOLOGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

1. Repensando o planejamento e a metodologia:

A proposta deste estudo é discutir a função do planejamento em sala de aula, bem como entender a sua importância e o porquê de planejar, ressaltando os desafios presentes no ensino de Geografia a partir da realidade observada e também vivenciada, enquanto graduanda de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba. Portanto, leva a refletir sobre a metodologia empregada nas aulas de Geografia, baseada no planejamento, afinal, não adianta ser feito um planejamento que esteja longe de ser posto em prática, pois sua principal função ainda é, sistematizar os conteúdos que serão discutidos em sala de aula, buscando mostrar o ensino e aprendizagem, mais especificamente através da prática e da participação do aluno.

Se para nós o planejamento na escola é um processo voltado para a organização de ações que permitam a consecução de objetivos educacionais, o plano é um documento escrito que materializa um determinado momento de um planejamento. É a apresentação, de forma organizada, de um conjunto de decisões. (MASETTO, 1997, p. 86).

A fim de facilitar esse processo, há as experiências vividas pelos próprios docentes, durante a trajetória escolar, que, não mostravam interesse quando percebiam que alguma aula não tinha sido bem planejada pelos professores, portanto, “O desinteresse dos alunos deve ser combatido com temas atuais, e pode-se procurar identificar as características do grupo para envolvê-lo” (REGO, 2007, p.45).

Sendo assim, é necessário perceber a importância do plano de aula e da sua execução em sala de aula. Mas, antes de iniciar a discussão sobre os assuntos concernentes ao planejamento escolar, há a necessidade de conceituar e descrever o vocábulo “planejamento”, que segundo o dicionário Aurélio (1986), significa:

1. Ato ou efeito de planejar. 2. Trabalho de preparação para qualquer empreendimento, segundo roteiro e métodos determinados; planificação: o planejamento de um livro, de uma comemoração. 3. Elaboração, por etapas, com bases técnicas (especialmente no campo sócio-econômico), de planos e programas com objetivos definidos (p.1343).

Repensar o papel das metodologias utilizadas nas aulas de Geografia de escolas públicas e/ou privadas não é fácil, bem como desenvolver um estudo a respeito dos tipos de planejamento escolar que são feitos e direcionados às mais variadas séries do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Porém, a finalidade desse estudo não é investigar, analisar ou criticar a maneira como o planejamento está sendo feito nas escolas ou como as metodologias estão sendo utilizadas, mas sim, nortear os professores de Geografia a repensarem seus métodos (caso julguem necessário) e seu planejamento, com a intenção de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, afinal, “Elaborar um plano é, sempre, decidir sobre o que queremos alcançar e sobre como devemos agir para isso; verificar a que distância estamos do modo pelo qual devemos agir; determinar, concretamente, o que faremos no período do plano para diminuir a distância” (GANDIN, 1983, p. 51). Sendo assim, é preciso saber que objetivos pretende alcançar antes de elaborar o plano. A caracterização desse estudo, porém estar, em ajudar a querer planejar, não por obrigação, mas por dedicação, sabendo que, a profissão de professor, muitas vezes, não é valorizada pelos próprios docentes, e por vezes, vista por alguns, como uma mera profissão passageira, por não ter conseguido ingressar em outra área profissional.

No Brasil, o processo de ensino e aprendizagem pode estar longe do almejado por defensores da educação de qualidade, porém, se ao longo das mudanças pelas quais nosso país passa, cada um fizer a sua parte e quiser realmente mudar a realidade vivenciada por muitos, poderá encontrar soluções que o ajudará a manter-se motivado a estar em sala de aula, afinal, “(...) a escola é, hoje, o espaço privilegiado em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo” (COELHO, 2000, p.16). As transformações podem ocorrer em todos os âmbitos da educação, mas, com planejamento e metodologias diferenciadas e motivadoras pode-se alcançar resultados duradouros, por isso há a necessidade de planejar as aulas de Geografia, a fim de acompanhar essas mudanças. Esse esforço do professor, o coloca em posição privilegiada frente a outros que consideram o planejamento algo ‘chato’ e enfadonho, e mostra mais adiante, que seu esforço é recompensado pelos resultados, já que o trabalho do docente é com a formação de indivíduos críticos, e não com a formação de reprodutores de informação.

A Geografia é, sobretudo, uma das disciplinas mais desafiadoras no que diz respeito ao planejamento escolar, sabendo que ela está presente no cotidiano, sendo vista em todo lugar, seja em seu aspecto físico ou humano. Por sua vez, ainda que desafiadora, a Geografia está ligada à realidade da vida de alunos e professores, na produção do espaço e as questões do mundo contemporâneo precisando, assim, de um maior cuidado para acompanhar essas

modificações nos diferentes espaços, sendo assim, “Com essa perspectiva, o professor precisa preparar-se para participar de projetos na escola que visem a reflexões participativas, viáveis para o momento vivido, e sejam adequados às condições e à complexidade da sociedade atual neste início de século XXI” (PONTUSCHKA, 2009, p. 27).

Ao mudar a maneira de pensar e agir do professor em sala de aula há também a modificação de sua forma de ver o planejamento. O planejamento não sobrevive sem a prática do professor e, com isso, o professor pode perder-se em um ‘mar’ de conteúdos sem um bom planejamento. Por essa razão, há também a necessidade da adoção de uma metodologia específica e eficaz para cada conteúdo, com a finalidade de melhorar o processo de ensino e aprendizagem e mudar a realidade tão reforçada por pais, gestores e até docentes de Geografia, que descrevem as disciplinas mais importantes, como sendo apenas Português e Matemática, e as outras disciplinas como algo secundário, como afirma Carvalho (2004), “Tradicionalmente é a geografia uma disciplina rotulada no rol das matérias decorativas, uma espécie de prima pobre da história” (p.29). Ou, pior ainda, como ‘matéria decoreba’, ou seja, para aprender Geografia basta decorar nomes de rios e capitais. “O ensino da geografia sempre foi baseado na memorização de nomes, quer de rios, de montanhas, de cidades, ou de qualquer outro aspecto do espaço, desde o seu surgimento como disciplina escolar” (CARVALHO, 2004, p.29).

Ao longo desse processo, pode-se dizer que, quando há o planejamento das aulas, ajuda-se a “desenvolver, desde cedo, a capacidade de pensar crítica e automaticamente, desenvolver a capacidade de cada um tomar suas decisões é papel fundamental da educação para a cidadania” (GADOTTI, 2004, p.30). Dessa forma, o desafio que se coloca hoje à Geografia está em desenvolver essa capacidade crítica, não só do aluno, mas, da sociedade que o circunda e da comunidade escolar, que estamos inseridos, haja vista que “a escola de hoje não deve somente dar conta do estudante, mas também da família e de tudo aquilo que diz respeito à educação” (AMARILHA, p. 78).

Porém, de um lado, os desafios postos por paradigmas são difíceis de seguir e, por outro lado, os docentes são convencidos a acomodar-se no mais simples de fazer, que é ‘despejar conteúdo’ e deixar que os resultados apareçam por si só. Antes de planejar, é preciso saber como executar, pois o planejamento visa justamente a prática, pois de nada adianta planejar aulas, participar de reuniões, se não conseguir colocar em prática ou, se as condições oferecidas pela escola não forem adequadas para a execução do planejamento, afinal, “Para muitas escolas, a execução é uma palavra de pouca expressão linguística, mas ‘planejar’ é um verbo com certa sonoridade e que é conjugado em todos os modos, tempos e pessoas”

(MENEGOLLA, 2010, p. 37). Assim, fica claro que o mais importante é a prática, planejar por planejar, faz esse processo ser apenas mais uma atividade burocrática e reforça a ideia de que o planejamento não é algo necessário. “Há os que julgam que insistir no planejamento é buscar prisões, impedir a inspiração, esquecer-se das pessoas. Isso, realmente é assim quando há os que dominam o planejamento, os que realizam planejamento burocrática e tecnocraticamente” (GANDIN, 2007, p. 110). Contudo, sabe-se, muitas vezes que, a abordagem dessas questões, depende muito da visão do docente no que diz respeito aos objetivos que pretende alcançar, bem como, da visão da instituição escolar, que motiva ou não, os docentes a planejarem, sem exigir deles, que se façam planejamentos e mais planejamentos, sem dispor para os docentes de tempo ou de recursos para que ele possa executar o plano em sala de aula, ou até mesmo fora dela.

1.1. Planejamento básico

O momento hoje, porém, é o de estruturar um planejamento que fuja do ‘básico’ e tentar colocar em prática planejamentos que estejam de acordo com as mudanças ocorridas em nosso meio. Em sua constituição, o planejamento básico tem por função colocar em pauta os pontos mais importantes a serem vistos em cada série, com a finalidade de não deixar conteúdos por serem vistos, ou fugir dos conteúdos propostos no livro didático, isso é o que será definido aqui como ‘Planejamento básico’. Assim, incorporando a esse planejamento, pontos que possam fugir do comum e, que possam enriquecer as aulas, assim, teremos um planejamento fundamentado no nosso objetivo principal em sala de aula, o aprendizado do aluno. Desta forma, obteremos resultados satisfatórios, além de melhorar as chances de recuperar alunos que são considerados futuros repetentes, já que os dados no Brasil são alarmantes, “Num país em que quase 70% dos alunos são repetentes, a responsabilização continua recaindo sobre os próprios alunos” (OLIVEIRA, 2002, p.30).

Sobre a concepção de repetência, pode-se dizer que ela está ligada à falta de planejamento do professor (direta ou indiretamente), mesmo que não seja grande o seu percentual de ligação, mas sua contribuição, ou seja, a falta de planejamento altera a vontade e o interesse do aluno em participar das aulas e desenvolver atividades, o que pode culminar em outro grave problema, a evasão escolar. “Não há responsabilização de professores, diretores, escolas, secretários de educação ou autoridades de nível mais elevado. O aluno continua como a única vítima e o único responsável pela cultura da repetência” (OLIVEIRA, 2002, p.30). Para o referido autor, manejar a complexidade da repetência, evita consequências

como a que ele descreve na seguinte afirmação: “A repetência não cria apenas um aluno fracassado: cria profissionais e cidadãos fracassados em todas as dimensões da cidadania, como eleitor, consumidor, contribuinte e ser produtivo” (OLIVEIRA, 2002, p.31). De acordo com esse contexto, poderíamos ter a isenção nessa parcela de culpa, dando o melhor de nós, seja no planejamento das nossas aulas - a fim de melhorar -, seja na atenção redobrada àqueles que parecem não ter interesse em aprender.

Uma das principais características de toda estrutura social é a constante renovação na forma de tratar o ser humano, sendo esse um ser complexo e, por natureza, difícil de lidar, já que todo ato repetido, torna-se enfadonho e ultrapassado, principalmente, numa sociedade que está acostumando-se à rapidez de mudanças e informações, com a tecnologia que está sendo instalada em quase todos os lugares e usada por cada vez mais pessoas. Por essa razão, é perceptível que atualmente o interesse das pessoas está em ter novidades e coisas que possam atrair a atenção para o ‘novo’, ou para o ‘diferente’.

Diante desse quadro, não tem como ver o progresso da humanidade e torcer por ele, enquanto os docentes estiverem presos à mesma forma de planejar o aprendizado deles em sala de aula. Nesse sentido, é necessário rever os planejamentos, e ‘sair’ do básico, ou seja, da mera função de planejar por obrigação. Porém, é importante ressaltar que ‘sair’ do básico, não significa inventar algo desproporcional ao conteúdo ou fugir dos temas abordados pelos livros didáticos adotados pela escola. Como também, é importante saber que há regras que precisam continuar a ser seguidas, e técnicas que necessitam ser adotadas, mesmo repaginando a forma de planejar, por isso, “É importante que as escolas tenham uma filosofia educacional definida e uma proposta pedagógica consistente. Ninguém nega que um professor bem preparado precisa conhecer teorias, métodos e técnicas de ensino” (OLIVEIRA, 2002, p. 40).

Compreende-se que a busca por uma ação reflexiva e uma prática docente bem estruturada trará novos resultados, afinal, se os docentes precisam da motivação dos alunos para assistir as aulas, é necessário dá início a essa motivação por eles mesmos, porque o planejamento, mesmo que básico, é a base para que o professor saiba o que deve mudar em suas aulas e os objetivos que pretende alcançar.

Todos nós, professores e alunos, somos produtores de conhecimento. Podemos ser sujeitos mais ativos e propositivos na busca de novas metodologias. Pouco resolve só ficar reclamando que os alunos estão parados ou que não sabem ler e nem querem escrever. Ninguém nasce fazendo isso. É nossa tarefa ensiná-los, e isso dá Trabalho. (REGO, 2007, p.32).

Dessa forma, há necessidade de um planejamento bem mais estruturado por parte do corpo docente, pois recai sobre cada um a responsabilidade de ensinar e receber o retorno daquilo que está sendo ensinado, já que, “O ato de planejar não se reduz ao momento da elaboração dos planos de Trabalho” (LIBÂNEO, 2004, p.150). O professor precisa avaliar se o seu plano está trazendo o retorno desejado, ou seja, se a forma que ele está executando o plano em sala, condiz com os resultados que ele pretende alcançar, para isso ele precisa esperar que todos os alunos aprendam, sem rotular os que possuem dificuldades para aprender. Se o professor ‘rotular’ os alunos, no sentido de que eles não conseguem aprender, ou, que o planejamento por mais básico que seja não pode ser executado em sala de aula, por causa de questões como indisciplina, falta de atenção ou outra questão qualquer, estará assim, excluindo esses alunos do processo de ensino e aprendizagem e se tornará um mero reprodutor de informações. Por isso, é importante ensinar os alunos a questionar, “Ouvir o aluno permite conhecer as representações sociais construídas sobre o mundo, mas, precisamos ensiná-lo a questionar e buscar soluções, ajudando-o a elevar-se a outros patamares de abstração a fim de superar o senso comum” (PONTUSCHKA, 2009, p.30). Nessa perspectiva, o planejamento fica reduzido a ser um documento no qual se encontram os objetivos, as metodologias, enfim, os itens básicos, mas que na prática está longe de ser eficaz.

O planejamento é um instrumento útil de Trabalho para professores e alunos. Existe para resolver (e não criar) problemas. Por exemplo: adequar atividades ao tempo disponível, selecionar conteúdos, técnicas e estratégias e avaliar conforme os objetivos definidos e dentro dos limites existentes. (MASETTO, 1997, p. 80).

O planejamento básico deve ser reformulado pelo docente, a fim de adequar esse planejamento às necessidades dos seus alunos e à realidade vivida por esses. Essa atitude do professor deve ser pautada nos conteúdos, mas voltada para o cotidiano. Por essa razão, o plano de aula de Geografia, não pode ser pautado nos mesmos objetivos a serem alcançados por outras disciplinas.

“Como documento escrito, um plano compõe-se das seguintes partes: identificação, objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação, cronograma e bibliografia” (MASETTO, 1997, p. 86). Nesse sentido é relevante compreendermos que sair do planejamento básico, não é fugir desses itens, mas sim, adequa-los a realidade e utilizar metodologias que auxiliem a execução do planejamento.

1.2. Metodologias básicas

Metodologia básica é aqui entendida como sendo a forma usada para ministrar aulas, independente dos recursos que o docente dispõe, e a abordagem feita aqui é com relação à metodologia como forma de facilitar os objetivos que se pretende alcançar no planejamento. “Por sua vez, o termo *método* vem do grego (métodos = caminho para chegar a um fim) e se refere a um caminho para atingir um fim” (HAYDT, 2006, p. 144). Por essa razão a metodologia utilizada pelo professor fará com que ele alcance um resultado satisfatório ou não, dependendo da forma como ele irá utilizar a sua metodologia e se usará recursos adequados.

O principal objetivo do uso das metodologias é alcançar objetivos previstos no plano, bem como, facilitar o processo de ensino e aprendizagem, através de aulas dinâmicas e interativas que chamem a atenção do aluno para o que está sendo exposto pelo professor em aula. “Logo, método de ensino é um procedimento didático caracterizado por certas fases e operações para alcançar um objetivo previsto” (HAYDT, 2006, p. 144).

Por isso, a fim de conseguir o que é proposto no planejamento, o professor deve dá prioridade as novas metodologias, e sair um pouco da metodologia de ensino tradicional – que tem como recurso, geralmente, apenas o quadro e o livro – e usar metodologias que usem a criatividade e, principalmente, que trabalhem com a interação de professor e aluno, e alunos entre si. Para elucidar sobre o contexto acima, Haydt afirma que:

Os procedimentos de ensino devem, portanto, contribuir para que o aluno mobilize seus esquemas operatórios de pensamento e participe ativamente das experiências de aprendizagem, observando, lendo, escrevendo, experimentando, propondo hipóteses, solucionando problemas, comparando, classificando, ordenando, analisando, sintetizando, etc. (HAYDT, 2006, p. 144).

Tomando como base o pensamento de Haydt, devemos salientar que o professor é o responsável por dá início à dinâmica das aulas, portanto, é seu papel torná-las monótonas e repetitivas ou dinamizá-las e torná-las mais interessantes. Para isso, o docente deve se utilizar de todos os recursos possíveis. Em Geografia, os recursos devem ser trabalhados das mais diferentes formas, a fim de não confundir que, para dinamizar a aula, basta usar um mapa, ou um globo terrestre.

Os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem realizam suas ações de acordo com o desenvolvimento da aula, independente, do conteúdo ou das condições

disponíveis para ministrar a aula. O docente deve estar aberto às mudanças que sempre ocorrem durante as aulas, sabendo que, o plano de aula, nem sempre será seguido do começo ao fim do jeito que foi previsto, porque, não deve ser um ato mecânico, e as metodologias usadas devem ser adaptadas pelo professor para receber as opiniões e os questionamentos dos alunos, afinal, “Em seu papel, o professor de Geografia estar atento em incorporar os conhecimentos de diversas origens, mas, sobretudo, deve se colocar com receptividade ao discurso do aluno” (KIMURA, 2010, p. 129).

Para exemplificar, pode-se descrever uma aula de Geografia, onde os alunos trazem questionamentos do senso comum, ou notícias que assistiram anteriormente, e que, muitas vezes, não tem relação com o conteúdo, mas, que eles têm a curiosidade de saber por que tal coisa ocorreu, e como o docente de Geografia pode explicar tal acontecimento. “Portanto, os procedimentos de ensino dizem respeito às formas de intervenção na sala de aula” (HAYDT, 2006, p. 143).

Outro exemplo que pode ser tomado nesse mesmo contexto são os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos, que além de enriquecerem a discussão em sala, ajudam o docente a aproximar o conhecimento teórico com o cotidiano do aluno. Para melhor esclarecer as dúvidas dos alunos, o docente deve aproveitar os questionamentos levantados pelos alunos para fazer uso de uma metodologia dialogada, a fim de mostrar aos alunos que as dúvidas deles são essenciais para que o conteúdo seja entendido e absorvido por eles. “A Geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico” (CAVALCANTI, 2010b, p.129).

Por isso, ao planejar as atividades, é preciso inserir no plano as metodologias que serão utilizadas nas aulas, levando em consideração o conteúdo a ser trabalhado e os questionamentos que poderão surgir em cada temática. Por isso, surge a necessidade de pensar em como abordar tais questões, bem como em reservar um tempo para que os questionamentos levantados pelos alunos sejam esclarecidos. “Parece claro que quanto mais ouvimos os alunos ou, melhor os provocamos a falar, mais material temos para prepararmos nossas aulas e melhor entenderemos seus interesses e sua lógica” (CASTROGIOVANNI, 2010, p. 139). Pois, só assim, têm-se uma metodologia que desperte o interesse dos alunos.

O planejamento escolar perde seu sentido, se a metodologia usada for monótona e não atender os requisitos necessários para um bom aprendizado, porém, o que geralmente se vê, é o professor como detentor do conhecimento, sem permitir que os alunos participem das aulas, utilizando metodologias expositivas em todas as aulas, e expondo os conteúdos,

geralmente de forma mecânica, mas, “O procedimento didático mais adequado à aprendizagem de um determinado conteúdo é aquele que ajuda o aluno a incorporar os novos conhecimentos de forma ativa, compreensiva e construtiva, estimulando o pensamento operatório” (HAYDT, 2006, p. 148).

O que se pretende deixar claro é que, mesmo com aulas expositivas, o professor pode e deve incentivar a participação dos alunos, para que não fiquem distraídos ou, simplesmente, ouvindo, sem que o professor saiba se ele está compreendendo ou não. O homem é um ser que age, por essa razão, não devemos forçar os alunos a apenas ouvirem, copiarem e executarem tarefas, sem que haja questionamento por parte deles. “A aula expositiva, quando dialogada, favorece a participação dos alunos e estimula sua atividade reflexiva” (HAYDT, 2006, p. 155). A compreensão dos alunos passa a ser nosso termômetro, afinal, saberemos se ele está conseguindo relacionar o conhecimento à produção do espaço e do lugar no qual ele se insere e como estão sendo assimilados os conteúdos ministrados no ano letivo. Cavalcanti (2010a) afirma que o professor de Geografia “[...] têm o desafio constante de desenvolver um trabalho docente que resulte em uma aprendizagem significativa para os alunos.” (p.368).

2. A importância de planejar as aulas de Geografia

O planejamento é um instrumento indispensável para a ação pedagógica, já que de outro modo, seria impossível orientar o processo até os propósitos perseguidos – e uma proposta educativa deixa de sê-lo se não tratar de tornar realidade certas finalidades previamente trabalhadas. (ZUNINO, 1995, p.50)

Considerando que o planejamento é um instrumento indispensável como citado acima e que consiste na mais importante tarefa para o início da aula formal, este Trabalho foi desenvolvido a fim de mostrar que, além de ser parte essencial, o planejamento é a esfera norteadora dos objetivos a serem alcançados pelo docente, pela coordenação ou pela direção de uma Instituição de Ensino. “No caso do sistema escolar, pelo seu modo de estruturação, o planejamento das ações pedagógicas resulta em planos de curso, de disciplinas, de unidade e de aula” (INFORSATO, 2011, p. 87), isto significa que, seja plano de aula, de curso ou de ensino, ou digamos ainda, que seja a longo, médio ou curto prazo, o planejamento tem sua importância e, sem ele, o processo de ensino e aprendizagem fica disperso, ou seja, não há objetivos claros a serem alcançados. O planejamento em si, pode-se definir como sendo o processo de organização, ou seja, de onde o docente vai partir, e o que ele quer alcançar, passando pelos objetivos, metodologias até chegar à avaliação. Quando o professor coloca

esse planejamento no papel, tem-se o plano de aula, definido assim para aquele determinado momento de interação entre professor e aluno, onde o docente executa e o corpo discente apresenta suas dúvidas, indagações e busca a compreensão, a fim de mostrar resultados, sabendo que, “O planejamento é um processo contínuo de conhecimento e análise da realidade escolar em suas condições concretas” (LIBÂNEO, 2004, P.150).

Sabe-se que o planejamento, generalizando, sempre foi rotulado como a parte não tão agradável pelos docentes, e quase sempre identificado como a teoria que não precisa ser cumprida em sala, porém, o que se pode fazer é seguir as regras das instituições e dos Parâmetros Curriculares, e trazê-lo para a prática pedagógica, afinal, “Os PCNs são, pois, uma referência, um ponto de partida, para que se possa articular objetivos e conteúdos com a cultura das escolas e das salas de aula” (LIBÂNEO, 2004, p.199). Por essa e outras razões, não é raro ouvir, a respeito do ato de planejar, que esta é uma parte burocrática, obrigatória e sem necessidade. Observa-se essa desvalorização em quase todas as instituições, não só por parte de professores, mas também de coordenadores e gestores, embora não possamos dizer que isso é regra geral, mas que infelizmente vem ocorrendo com cada vez mais frequência.

A partir desse enfoque, percebe-se frequentemente, docentes que afirmam que o planejamento é algo longe de ser cumprido, pois o plano de aula é algo para ficar apenas no papel. Ou então que, o planejamento de nada serve, pois é parte obrigatória para os que exigem não darem a mínima atenção. Nesse âmbito, é relevante citar alguns relatos de professoras presentes no livro: “Currículo: questões atuais”:

- a. De que adianta planejar, se, na prática, faz-se outra coisa? Na prática, o plano, a teoria são bem diferentes. Aqui, na escola, tudo muda. Não é nada daquilo que vocês ensinam na faculdade.
- b. Planejar é um ato autoritário, pois expressa o controle das escolas e dos professores sobre os estudantes.
- c. O planejamento de ensino é uma herança da ditadura militar, criado pelo enfoque tecnicista vigente no campo educacional daquele período, que hoje interessa apenas aos supervisores educacionais reacionários e tradicionais. (MOREIRA, 2008, p.108).

Se é, necessário planejar, ou não, ou se traz mais vantagens que desvantagens, são questionamentos que não podem ser respondidos com respostas pré-elaboradas, por essa razão não é disso que este Trabalho irá tratar, afinal, o plano de aula, realmente têm suas vantagens e desvantagens. Vale salientar que “O ato de planejar não se reduz ao momento da elaboração dos planos de Trabalho” (LIBÂNEO, 2004, p.150). O plano de aula pode e deve ser planejado com antecedência, isso porque o processo de planejamento começa antes do período em que o

docente irá aplicar em sala de aula. Pode-se, ainda, dizer que ele não termina quando o plano está pronto no papel, e sim, quando ele produz resultados, sejam eles, os esperados pelo professor ou novos resultados, que surgiram a partir da relação professor-aluno ou aluno-aluno. “Assim, a escola é e pode ser importante espaço para promover a discussão e a avaliação desse conhecimento” (CAVALCANTI, 2008, p.28), afinal, é nesse espaço de interação, que ocorre o aprendizado, seja ele seguido à risca pelo plano, ou com apenas alguns objetivos alcançados, o importante é a discussão do tema e a relação dos conhecimentos prévios do aluno com os adquiridos durante a aula.

“A atitude de planejar acontece naturalmente, justamente pelo fato do homem precisar organizar-se mentalmente para dar início a atividades e realizações” (INFORSATO, p. 86). Como pode ser visto, nessa citação, o ato de planejar é intrínseco do ser humano, pois mesmo que involuntariamente ou de forma despercebida, planejamos e organizamos nossa vida baseada em planos e projetos. Afinal, “um plano prévio é um roteiro para a prática” (LIBÂNEO, 2004, p.150). A vida do homem é pautada em constantes elaborações de planos e projetos, dando a este o poder de insistir em segui-los mesmo com todas as adversidades, ou de abandoná-lo, e seguir um novo caminho. Da mesma maneira, ocorre na sala de aula, afinal, as dificuldades são muitas, e a vontade de desistir de seguir um planejamento, às vezes chega a ser maior, mas, os objetivos quando alcançados, causam uma sensação de dever cumprido e de satisfação no docente, que é inexplicável. Por essa razão, pode-se dizer que mesmo, que o plano não saia como o esperado, é válido segui-lo. Nesse sentido Libâneo afirma que: “Todo projeto é, portanto, inconcluso. Isso é assim porque as escolas são instituições marcadas pela interação entre pessoas, pela sua intencionalidade, pela ligação com o que acontece no mundo exterior” (LIBÂNEO, 2004, p.152).

2.1. O ensino de Geografia

“[...] A Geografia passa a ter papel de destaque na escola, pois é a única disciplina a possibilitar o acompanhamento das transformações recentes de forma integrada” (STRAFORINI, 2004, p.51). Vale salientar que, todas as disciplinas atualmente, estão integradas e interligadas com os acontecimentos do mundo, mas a Geografia, ainda continua sendo primordial no estudo dos temas atuais, como por exemplo: as mudanças climáticas ou até mesmo, as mudanças no cenário político. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar ao aluno formas diferentes de compreender as mudanças constantes e os acontecimentos passados, para entender as causas e as consequências; porém, sem o

planejamento adequado, o professor poderá não conseguir repassar os conteúdos de forma a interligar com o ensino sistemático dos livros didáticos que, principalmente na rede privada, são obrigatórios, “[...] isto pode ser feito mediante a apresentação do conteúdo de maneira tal que os alunos se interessem em descobrir a resposta que queiram saber o porquê, e assim por diante. Convém também que o professor demonstre o quanto a matéria pode ser importante para o aluno” (GIL, 1994, p.60).

De acordo com o PCN (1997), “o objetivo da Geografia é explicar e compreender as relações entre a sociedade e a natureza” (PCN, 1997, p.109). É evidente, que o objetivo aqui não é trazer à tona a importância da Geografia, desmerecendo as demais disciplinas. Naturalmente, o que está explicitado nesse Trabalho é que a Geografia tem sua parcela de importância em questões da atualidade, muitas vezes, sendo confundida com a disciplina de ‘Atualidades’, ministrada em alguns cursinhos preparatórios, e visto por alunos que estão se preparando para o Enem.

A complexidade do ato de ensinar leva a perceber que o ensino deve ser planejado e sistematizado, porém, é necessário não esquecer que a Geografia é uma ciência que se renova todos os dias e que as questões intrinsecamente ligadas a ela requerem que o professor esteja em constante pesquisa, a fim de se atualizar e confrontar essas informações com os conteúdos dos livros didáticos, pois, “As discussões atuais acerca do ensino vêm propondo que o planejamento seja desenvolvido através de temáticas significativas” (XAVIER, 2000, p.5).

A participação dos alunos durante as aulas é o principal meio para sondar sua aprendizagem, isso é inegável, porém, o professor deve estar atento para que as aulas não sejam baseadas em informações midiáticas e que, de certa forma, possa vir a tirar o foco do planejamento, que é a explicação do conteúdo e o aprendizado deste. “Ser flexível, isto é, dar margem a possíveis reajustamentos sem quebrar a unidade e a continuidade. O plano pode ser alterado quando se fizer necessário” (PILETTI, 1989, p.75). A partir desse enfoque caberia, então, outra linha de raciocínio, o professor pode alterar o seu plano, porém, sem que haja interferência no seu plano bimestral, semestral ou anual.

O planejamento escolar, voltado para a Geografia no Ensino Médio, é um pouco mais dinâmico em relação aos conteúdos, pois os alunos já possuem conhecimentos prévios suficientes para interagir com o professor, bem como a capacidade de relacionar o conteúdo em sala com o que ocorre no mundo. Nessa fase, os alunos tem uma cobrança maior que nas séries do Ensino Fundamental, pois o foco tanto para eles, como a exigência dos pais, é que eles se preparem para o Enem. Dessa forma, estão sempre mais atentos a jornais, a atualidades e a acontecimentos cotidianos, por essa razão, estão sempre trazendo à tona discussões que

giram em torno de assuntos da Geografia. “O ensino de Geografia, seja ele em qual nível for, deve buscar a totalidade-mundo” (STRAFORINI, 2008, p. 84).

A proposta do docente em sala deve ser trabalhar com as questões atuais, sem que as questões sistematizadas nos livros didáticos sejam esquecidas ou menosprezadas. A relação entre professor e aluno deve ser pautada no conteúdo, de modo que o professor não deixe conversas paralelas ou, fatos completamente alheios à disciplina entrem em discussão fazendo, assim, o professor perder tempo de sua aula com questões irrelevantes. Abordando essa temática, julgamos necessário, dizer que, o professor deve tratar dos assuntos considerados mais relevantes que estão presentes na mídia, mas, sempre trazendo a discussão para o contexto da aula e para os conteúdos inerentes à série, como explica Vesentini (1989):

O professor não pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está o seu serviço, a serviço de seus objetivos e propostas de Trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante (VESENTINI, 1989, p.167).

Em outras palavras, as informações contidas nos jornais e revistas devem ser um ponto de partida, ou um comentário de acordo com o conteúdo da aula, só não pode ser o norteador da aula, ou trabalhado como sendo a fonte principal do aprendizado. “Todas as decisões a serem tomadas, durante o processo de ensino, dependem das decisões estabelecidas no ato de planejar a disciplina” (MENEGOLLA, 2010, p.56), isto significa que, mesmo que a aula tenha um andamento diferente daquele previsto, as decisões estabelecidas no plano de aula, e no plano de curso, devem ser cumpridas, bem como a procura pelo alcance dos objetivos previstos nele.

2.2. Por que Planejar?

O plano de aula deve ser um dos itens imprescindíveis em qualquer disciplina, além de ser necessário que ele seja obrigatório para os docentes, visto ser essa a ferramenta que apresenta de forma organizada um conjunto de ações e decisões a serem tomadas em sala de aula, a fim de não fugir do conteúdo no momento em que surgir questionamentos e indagações por parte dos alunos, por essa razão, Schmitz (2000) afirma que o planejamento é algo muito sério.

Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática, uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planejamento muito sério. Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível. (SCHMITZ, 2000, p.101)

Para isso, é necessário que o plano seja um instrumento bem pensado e bem redigido para que possa se tornar um plano eficiente, capaz de satisfazer o docente ao ministrar sua aula e dos discentes ao aprenderem. Nesse contexto, Menegolla (2008) afirma que:

Os objetivos se tornarão os determinantes de toda a estrutura e desenvolvimento do ato de planejar e executar o plano na sala de aula. Todas as decisões a serem tomadas no planejamento e na própria dinâmica da agilização do plano devem se fundamentar nos objetivos, pois estes são a força e a alma do plano. (MENEGOLLA; SANT'ANNA, 2008, p. 20).

Assim, pode-se dizer que se não houver planejamento das aulas a serem ministradas, também não haverá objetivos claros a serem alcançados, pois, “O planejamento seria o processo de previsão de objetivos, metas, ações, procedimentos como forma de racionalização da ação” (LIBÂNEO, 2004, p.157). Nesse contexto, afirma-se que o exercício de qualquer profissão é baseado na teoria, mas, torna-se prático, por essa razão, para que não se dissocie a teoria da prática, o plano de aula se faz presente e seu objetivo principal deve ser justamente esse, colocar a teoria na prática. Em outros termos, não se pode dissociar uma da outra em sala de aula. A esse respeito, Cavalcanti (2008), explica que: “(...) é preciso pensar na teoria e na prática como duas dimensões da realidade, não necessariamente realizada em lugares e por pessoas diferentes, mas como dimensões indissociáveis” (CAVALCANTI, 2008, p. 29).

Diversos autores já realizaram estudos na busca de uma orientação para o planejamento escolar, tendo como base principal a recomendação obrigatória dos PCNs. Nesse sentido, Libâneo (2004) afirma que:

Para a definição de objetivos, conteúdos e desenvolvimento metodológico, será útil a consulta aos Parâmetros Curriculares Nacionais, formulado pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC. Os PCNs foram elaborados para fornecer uma orientação geral e coerente do currículo, em âmbito nacional, visando à melhoria da qualidade de ensino. (LIBÂNEO, 2004, p.198).

Nesse sentido, o planejamento precisa ser pautado em objetivos estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, para que as séries tenham conteúdos referentes a seu nível de aprendizado e que deem continuidade aquilo que já foi aprendido em séries anteriores. No entanto, para o docente definir os objetivos específicos é preciso também levar em consideração o ritmo de aprendizagem da turma, pois há níveis diferentes e ele deve ser capaz de identificar quais objetivos podem ser alcançados, de acordo com o conteúdo que irá apresentar.

Cabe aos docentes, estabelecer objetivos que sejam mais próximos à realidade dos nossos alunos em sala de aula ou, até mesmo fora dela. Com frequência, se ouve que os objetivos devem ser encarados, como algo a ser colocado no plano de aula, mas que dificilmente, será conseguido na prática, isso por que, às vezes, o docente coloca objetivos fora da realidade em que estão inseridos os alunos, ou seja, idealizam alcançar certo objetivo sem dar condições para que o aluno compreenda o assunto, por isso, “Os objetivos para qualquer tipo de planejamento devem ser expressos em termos claros, concretos e de forma que digam exatamente o que se quer alcançar” (MENEGOLLA, 2010, p. 19). Com isso, pode-se exemplificar, da seguinte maneira, o docente deseja que o aluno identifique algo no conteúdo, mas deixa em toda a explicação a classificação implícita, ou omite a informação necessária, que facilitaria essa identificação. Portanto, não se pode cobrar dos alunos um resultado daquilo que não foi exposto ou explicado em sala de aula.

De acordo com o PCN (1997), um dos objetivos do ensino de Geografia é possibilitar aos alunos a compreensão de sua posição em relação à sociedade e à natureza, como descrito na citação abaixo:

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências – tanto para si como para a sociedade. (PCN, 1997, p.113).

O que parece muito eficiente, muitas vezes pode parecer longe da realidade dos docentes, pois dificilmente, há esse contato com os PCNs, e muitos professores podem reforçar ainda mais a ideia de que o plano é desnecessário, ao falar em PCN como referência para o planejamento. Muitos professores, principalmente, os que seguem a concepção de que não precisa de plano de aula, se debruçarão sobre esse aspecto para considerar que na prática a teoria não funciona. Mas, de acordo com a concepção, apresentada nesse Trabalho e baseada em diversos autores, o PCN é a referência que os docentes necessitam para buscar novas

metodologias e utilizar novas abordagens em sala de aula. Considerando também que planejar não é algo difícil de fazer, pois o plano de aula tem a função de ser um facilitador para o docente, pois este saberá os objetivos que precisam ser alcançados e os métodos que utilizará para alcançá-los. Em suma, o docente precisa adequar o plano à sua realidade, não simplesmente, ignorá-lo e considerá-lo como ‘perda de tempo’, como alguns afirmam. O processo educativo é bem mais amplo, além dos PCNs, temos outras Leis e Parâmetros a seguir, como por exemplo, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que ajuda o docente a se nortear dentro de sua disciplina específica, bem como atender às perspectivas da instituição de ensino para a qual prestam serviço, seja ela, pública ou privada, a perspectiva da direção é ter professores que procurem se aprimorar, tanto na parte técnica como na prática. Na LDB, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 22 afirma que:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no Trabalho e em estudos posteriores.

Para alcançar o que é proposto pela LDB, é necessário que a gestão escolar e corpo docente trabalhem em um só propósito, pois, é dever da escola promover meios para o desenvolvimento do educando, bem como dá acesso à educação no âmbito escolar. Dentre as diversas formas de acesso, está a ministração de aulas interativas e os recursos didáticos que auxiliam na compreensão dos alunos, e despertam neles, o interesse em participar ativamente das aulas. A formação do professor, por sua vez, é essencial para que os objetivos da educação sejam alcançados em escala local, regional e depois em escala nacional, e nessa perspectiva, reduz-se a observar a prática de cada professor em sala de aula, com a finalidade de promover mudanças.

Em outros termos, a tarefa de intervenção no ensino escolar é basicamente do professor e consiste em dirigir, orientar, no planejamento, na realização das aulas e das atividades extraescolares e na avaliação, o processo de conhecimento do aluno com base em determinados propósitos, em conteúdos específicos e em modos adequados para conseguir os propósitos definidos. (CAVALCANTI, 2010b, p.138).

Nesse sentido, o planejamento fica reduzido à sala de aula, durante sua execução, mas, seus resultados são mais amplos, pois promovem a mudança na sociedade e no meio onde os alunos estão inseridos, pois estes irão colocar em prática o que aprendem na escola, e

vão exercer sua cidadania, com base no que aprenderam no ambiente escolar. A escola pode ser também, uma possibilidade de transformação da perspectiva desse aluno na sociedade, pois é o acesso direto que ele tem para ver o que pode mudar em sua vida, e como poderá alcançar essas mudanças.

Para poder planejar adequadamente a tarefa de ensino e atender às necessidades do aluno é preciso antes de tudo, saber para quem se vai planejar. Para isso conhecer melhor o aluno e seu ambiente é a primeira etapa do planejamento. É preciso saber quais aspirações, frustrações, necessidades e possibilidades dos alunos. (PILETTI, 1989, p.63)

Para compreendermos a dimensão da importância do plano de aula, já que essa é a esfera do presente Trabalho, ou seja, a importância do planejamento das aulas de Geografia, por isso, é preciso dividir essa dimensão em partes, pois, “O plano seria o documento mais abrangente que resulta do processo de planejamento, por sua vez subdividido em programas” (LIBÂNEO, 2004, p.157). Inicia-se com os objetivos, seja ele geral ou específico, os objetivos são o que norteiam o docente onde ele pretende, ou melhor, onde ele deve chegar. Sabendo que, “Planejar é o ato de se pensar na situação partindo de objetivos e, mentalmente, de projetar ações para que estes sejam alcançados” (INFORSATO, 2011, p. 86). Esse requisito básico de qualquer plano nos possibilitará um entendimento mais abrangente do seguinte questionamento “por que planejar?”. Sendo assim, nem sequer, pode-se mais questionar a necessidade do planejamento, visto que é através desse que o docente irá alcançar os objetivos. Essa contraposição entre precisar planejar e querer planejar deve chegar ao fim, e o docente deve chegar ao entendimento que não é querer ou precisar, e entende-lo como parte indissociável da aula, sabendo que é o próprio planejamento que une a teoria à prática.

2.3. Planejamento das aulas de Geografia nas escolas

Libâneo (1987, p. 226) afirma que “os principais requisitos para o planejamento são: os objetivos e tarefas da escola democrática”. Os objetivos são componentes básicos do planejamento de ensino e são eles que vão orientar a abordagem do assunto, independente da complexidade ou da facilidade em expor. Além disso, os objetivos servem como referência à elaboração de atividades e de metodologias aplicadas na aula, como também, servirão de apoio à forma de avaliação que será adotada pelo professor ao final da explanação ou da atividade realizada. “A prática didática deverá esforçar-se para fazer com que variem as estratégias de ensino para que os sujeitos possam utilizar sua estratégia de aprendizagem.”

(MEIRIEU, 1998, p.138). Cabe aos docentes, explicar e transmitir da melhor maneira o conteúdo para que os objetivos descritos previamente venham a ser alcançados com sucesso.

De acordo com Libâneo (2004, p. 156), “Os objetivos expressam intenções bem concretas”, embora, não haja a necessidade de agir de forma mecânica, planejada e sem levar em consideração as diversas situações que ocorrem no decorrer da aula, que por vezes, impedirão que aquele plano seja seguido e os objetivos como descritos, alcançados. Em outros termos, independente do que venha a ocorrer, o importante não é seguir o plano à risca, e sim, o aprendizado do corpo discente. Afinal, sabe-se que há ritmos diferentes de aprendizado e resultados que, mesmo que estejam longe do especificados nos objetivos, são mais proveitosos e eficientes no processo de ensino e aprendizagem.

Cavalcanti (2010a) afirma que o professor de Geografia “[...] têm o desafio constante de desenvolver um trabalho docente que resulte em uma aprendizagem significativa para os alunos.” (p.368). Então em se tratando de aprendizagem significativa, não se pode dizer que é exclusividade da disciplina ‘Geografia’, mas, sim, de todos os docentes, porém, como o presente Trabalho está voltado para as aulas de Geografia, e sabendo que os docentes dessa disciplina têm a responsabilidade de associar os conteúdos com o que ocorre no mundo em diversas esferas, afirma-se que esse é o desafio constante do docente em sala de aula.

Ao valorizar os objetivos, pode-se ter a possibilidade de enriquecer a prática, pois além de expor o conteúdo, o docente têm outras esferas para expandir sua explicação ao ministrar uma aula, afinal, “A realização das atividades de ensino sem o devido planejamento, feitas às cegas ou de maneira estritamente irrefletida, afeta significativamente a qualidade dos resultados” (INFORSATO, 2011, p. 87). Digamos que o objetivo principal dele seja apresentar algo, quando ele especifica outros objetivos, além de apresentar, ele também vai relacionar; exemplificar; diferenciar; e assim por diante. Dessa forma, os objetivos gerais serão utilizados pelo docente, de modo global, amplo e vago, já os específicos serão mais detalhados, e indicarão com clareza os resultados a serem alcançados. Portanto, não se pode dizer que o objetivo geral é menos importante que os específicos, mas, de forma geral, são os objetivos específicos que determinam o que se pretende alcançar ao término de cada aula ou de cada atividade, mesmo sabendo que tanto o geral quanto os específicos são necessários, afinal, eles se complementam. Zunino (1995), explica que:

O planejamento é um instrumento indispensável para a ação pedagógica, já que de outro modo, seria impossível orientar o processo até os propósitos perseguidos – e uma proposta educativa deixa de sê-lo se não tratar de tornar realidade certas finalidades previamente trabalhadas. (ZUNINO, 1995, p.50)

Tomando como base esse pensamento, devemos especificar que os objetivos são previamente trabalhados pelo docente, mas, são os conteúdos que norteiam o docente de quais objetivos devem ser colocados no plano. De acordo com Masetto (1997, p.88), “Objetivos são metas estabelecidas ou resultados previamente determinados”. Pode-se, ainda, pensar os resultados como algo a ser alcançado de qualquer forma, resta definir antecipadamente os meios para alcançar objetivos positivos e que cooperem para o desenvolvimento do educando e do educador. Essas metas estabelecidas no plano consideram que os meios utilizados é que definirão os resultados.

Refletindo sobre as práticas docentes no ensino de Geografia, percebe-se que o professor deve relacionar suas metas e algumas vezes, mudá-las, de acordo com o que acontece no cotidiano, e que é notícia no mundo, visto que a Geografia é uma disciplina que trabalha diretamente com as mudanças na Geopolítica, no território, na espacialidade, entre outras competências, o professor deve estar atento a adequar essas mudanças constantes a seu plano e direcionar os alunos para a compreensão de mundo, não deixando os objetivos pré-definidos, mas mesclando esses objetivos com a realidade. Tendo em vista essas dificuldades, o plano torna-se ainda mais imprescindível, pois, com as metas estabelecidas fica mais fácil o professor saber o que convém e o que não convém discutir em sala, e quanto tempo de sua aula, ele poderá direcionar para assuntos paralelos, mas que estão na mídia, e que são indagações certas por parte dos alunos, por essa razão, “A Geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico” (CAVALCANTI, 2010b, p.129).

Em se tratando de conteúdos a serem escolhidos, o professor conta com a ajuda do livro didático, pois, afinal, mesmo que não tenha empatia com algum assunto ou outro, ele precisa ser ministrado da melhor forma, pois é inerente da série. “Conteúdos são a matéria do ensino – aprendizagem, não é à toa que assim os denominamos. Eles são os meios com os quais se pretende atingir os objetivos” (INFORSATO, 2011, p. 90). E é justamente o conteúdo que vai dá a direção para quais metodologias mais se adequam, quais os objetivos serão alcançados de acordo com seu grau de dificuldade de aprendizado, bem como quais serão os recursos que permitirão uma absorção melhor, por parte do corpo discente.

“Os conteúdos a serem ensinados são aqueles considerados relevantes para compreender a espacialidade atual” (CAVALCANTI, 2008, p. 47), dessa forma, os conteúdos apresentados na sala de aula devem ser baseados no planejamento de curso apresentado à

coordenação, mas, cada docente é responsável por fazer adequações ao longo do ano, pois com base no convívio, o professor sabe os conteúdos que merecem mais atenção, ou até mesmo quais os conteúdos que os alunos estão tendo mais dificuldade para aprender. O que não pode ocorrer, é o docente pautar sua prática unicamente nos livros didáticos, porque “O conteúdo da maioria dos livros didáticos é descritivo, não havendo preocupação em trabalhar com níveis mais complexos de conceitos e problemas a partir de, e em integração com, o contexto em que se inserem a escola e os alunos” (PONTUSCHKA, 2010, p. 180).

Vale salientar que, além do livro didático, o professor deve usar textos complementares, como artigos, jornais, outros livros, enfim, o Ensino Médio, necessita muito mais de conteúdos complementares do que no Ensino Fundamental, afinal, “Textos não são só os livros didáticos! Artigos de revistas ou jornais, letras de música ou poemas, textos de teatro, histórias em quadrinhos, filmes ou imagens também podem constituir temas para um curso” (MASETTO, 1997, p. 94).

Pode-se perceber ainda que o atual modo de vida requer que o professor busque conteúdos na internet e em plataformas digitais, para que os alunos sintam-se mais à vontade, porém, para que ocorra essa inserção é preciso que o professor se atualize e procure obter novos conhecimentos. Nesse sentido, é relevante compreender a concepção apresentada por Straforini (2008) quando diz que “O estudo fragmentado da realidade não leva o aluno a lugar algum. Muitas vezes o ensino não passa de uma decoração exagerada, da enumeração e da descrição de fatos isolados” (STRAFORINI, 2008, p. 52).

A qualificação do docente é responsável pela relação entre o conteúdo apresentado pelo livro com o mundo que está à sua volta, por isso, “A escola deve provocar o educando para conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma teia de justiça social. Parece ser simples, mas é, no mínimo desafiador, como toda prática pedagógica” (REGO, 2007, p.44). O planejamento escolar perde seu sentido, se estiver limitado apenas a conteúdos isolados, sem ligação alguma com o cotidiano, por isso, além do conteúdo apresentado como específico da disciplina, o docente deve estar aberto a outras temáticas, como os temas transversais, pois, “A problemática trazida pelos Temas transversais está contemplada nas diferentes áreas curriculares” (PCN, 2001, p. 41).

Vale salientar que, o foco aqui é o Ensino Fundamental II, ou seja, as séries que vão do 6º até o 9º ano, além do mais, este Trabalho trata especificamente do ensino de Geografia, por essa razão é necessário deixar claro que, principalmente, no 6º ano, os alunos demoram um pouco a se adaptar com vários professores, disciplinas e horários. Tendo em vista essas dificuldades, os professores devem entender, que nem tudo que for explicado poderá ser

entendido tão rapidamente quanto no 9º ano, por exemplo. Dessa forma, todas as disciplinas necessitam oferecer as condições necessárias para que os alunos consigam assimilar os conteúdos, em um ritmo um pouco mais lento, porém, sem deixar conteúdos por serem vistos no final do ano letivo.

Este Trabalho trata de planejamento, por isso, deve-se adaptar o tempo das atividades ao ritmo de aprendizagem desses, pois de nada adianta, o docente, querer passar inúmeras atividades, se perceber que os alunos não terão condições de executá-las. Percebe-se, portanto, que a real intenção do professor deve ser, sempre, o aprendizado do aluno, e nunca, acumular conteúdos e atividades, simplesmente, para executar seu plano de aula. Um processo que envolve pessoas, sempre será um processo que sofrerá alterações, de acordo, com o que está sendo vivenciado, ou com situações que poderão surgir durante as aulas, que estão fora do previsto, portanto, “Planejar é tomar decisões, mas essas decisões não são infalíveis. O planejamento sempre está em processo, portanto, em evolução e readaptação” (MENEGOLLA, 2010, p. 33).

Com relação ao conteúdo, Masetto (1997, p.93) afirma que: “Trata-se de um conjunto de temas ou assuntos que são estudados durante o curso em cada disciplina. Tais assuntos são selecionados e organizados a partir da definição dos objetivos”. Geralmente, os conteúdos são seguidos pelo docente, de acordo com os especificados nos livros didáticos, porém, nada impede que o professor venha inserir novos conteúdos que são considerados de suma importância ou, que se adaptem bem a outros conteúdos ministrados em aulas anteriores. O professor, dessa forma, pode inserir em seu plano, conteúdos extras que estejam interligados ao do livro didático, abordando assuntos que auxiliem os alunos a entenderem melhor o que está sendo abordado e que relação ele tem com o mundo. Porém, não se deve deixar os assuntos inerentes a cada série para voltar a atenção a atualidades, ou a informações da mídia, deixando em segundo plano, os conteúdos previstos no livro. Libâneo (1987, p. 221) afirma que planejar “é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Nesse sentido, percebe-se que o plano de aula quando utiliza o contexto social e este é ressaltado pelo docente, auxilia o aluno a entender a relação do conteúdo com a problemática apresentada no cotidiano da sociedade. “[...] A Geografia passa a ter papel de destaque na escola, pois é a única disciplina a possibilitar o acompanhamento das transformações recentes de forma integrada” (STRAFORINI, 2004, p.51). Dessa forma, os alunos são levados a interpretar os conteúdos como exercício prático para o que ocorre fora da sala de aula, ou seja, na comunidade onde vivem.

O professor deveria ser o agente das pretendidas mudanças de aprendizagem dos alunos, tendo a preocupação de articular os conteúdos com a realidade histórica do educando e de tornar o plano de ensino contextualizado, permitindo que o aluno analisasse com possibilidades de algum tipo de interferência ou transformação da realidade. (PONTUSCHKA, 2010, p. 176).

Pode-se inferir que a maioria dos professores contextualizam os conteúdos com a realidade, e que buscam despertar no aluno a curiosidade, para que assim ele possa ter um aprendizado melhor, porém, o exemplo sempre deve partir do professor, pois, no ambiente escolar, mesmo que o aluno tenha total autonomia em sala, o professor deve ser o mediador do conhecimento, pois, “o professor, com o papel de mediador do processo de formação do aluno, tem o trabalho de favorecer/propiciar a inter-relação entre os sujeitos (alunos) e os objetos de conhecimento” (CAVALCANTI, 2008, p. 35).

Nesse sentido, o professor tem um papel importante, porém, é o aluno que articula a discussão, pois, sem os questionamentos dos alunos, a aula será considerada apenas expositiva. Portanto, o papel do professor é explicitar a teoria, mas, é papel do aluno questionar essa teoria e discutir em sala com o professor, a fim de aprender. Essa discussão pode ser também, uma possibilidade direta de confronto entre o senso comum e o saber científico. Os saberes teóricos se articulam, mas, é o senso comum, que geralmente, são levados para a discussão pelos alunos, que dão à essa discussão a relação entre um e outro, fazendo o professor tirar as dúvidas dos alunos, e acabar com a mistificação de muitas coisas em que o aluno acredita por ouvir falar, sem ter nenhum tipo de embasamento, portanto, “Ouvir o aluno permite conhecer as representações sociais construídas sobre o mundo, mas precisamos ensiná-lo a questionar e buscar soluções, ajudando-o a elevar-se a outros patamares de abstração a fim de superar o senso comum” (PONTUSCHKA, 2009, p. 30). O desenvolvimento desse processo é possibilitado pela relação professor-aluno, por esta ser propícia para a discussão. Porém, se o docente não permite que as indagações dos alunos façam parte de suas aulas, ele também não vai ter a possibilidade de sondar o conhecimento, nem o interesse individual de seus alunos, pois, a atividade ou prova escrita, não é suficiente para saber se o aluno está aprendendo ou não, e ainda podemos dizer que impossibilita saber se o aluno é participativo e se tem a capacidade de relacionar o que está sendo apresentado em sala com o seu cotidiano.

Considerem-se, ainda, as limitações dos professores, ao determinar que apenas a exposição dos conteúdos seja suficiente, sem o confronto direto de seus alunos, ele jamais

poderá mostrar seu domínio de conteúdo. Isso pode ser conseguido se no decorrer das aulas, o professor for capaz de ensinar e ao mesmo tempo aprender com seus alunos, por essa razão, “Ensinar exige respeito aos saberes dos discentes. Por que não aproveitar a experiência que tem de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo: a poluição dos riachos e córregos” (FREIRE, 1996, p.30).

Todas as disciplinas necessitam oferecer essa dinâmica na aula, independente de qual seja a área de conhecimento, o docente tem o dever de mostrar a aplicabilidade do conteúdo no dia-a-dia do aluno, e leva-lo à compreensão da relação entre o saber aprendido na escola e o saber aprendido na vida, portanto, “Antes de qualquer tentativa de discussão de temáticas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache ‘repousado’ no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano” (FREIRE, 1996, p.86).

Ao considerarmos o planejamento da aula, precisamos despertar a curiosidade dos alunos, a fim de manter sua atenção e interesse no conteúdo, afinal, o planejamento só tem sentido, se ele for significativo para a vida dos alunos. Por este motivo, o planejamento escolar precisa ser direcionado à realidade dos alunos, pois, de nada adianta, ele ser coeso e coerente, mas não ser expressivo. Como Rego (2007) afirma “Não existe conhecimento pertinente senão quando se é capaz de contextualizar sua informação, de globalizá-la e de situá-la em um todo” (p.55).

Com relação às estratégias que serão utilizadas pelo professor em sala para atrair a atenção dos alunos e facilitar a aprendizagem, é um processo que vai sendo percebido e adequado à realidade do lugar onde a Instituição está inserida e à realidade dos alunos, no decorrer do ano letivo. Como afirma Cavalcanti (2002):

A escola tem a função de ‘trazer’ o cotidiano para seu interior com o intuito de fazer uma reflexão sobre ele por meio de uma confrontação com o conhecimento científico. Assim, deve estar estreitamente ligada ao cotidiano. Porém, se a prática cotidiana é uma referência da escola, é no sentido de contribuir para sua reflexão e transformação e, para tanto, tem como instrumento os conhecimentos científicos que veicula. (CAVALCANTI, 2002, p.129).

Portanto, não pode ser utilizada apenas uma forma de ensinar, nem pode dizer que a estratégia utilizada pelo docente é a única responsável em produzir resultados. As estratégias precisam ser modificadas sempre, e é fruto da experiência direta do professor na sala de aula, não podendo ser copiada de outro docente, nem possuindo fórmula pronta e pré-estabelecida,

por isso, “Chamamos de estratégias os meios de que o professor se utiliza para facilitar a aprendizagem, ou seja, para que os objetivos daquela aula, daquele conjunto de aulas ou de todo o curso sejam alcançados pelos seus participantes” (MASETTO, 1997, p. 95).

Sendo assim, por meio das aulas ministradas e das diversas metodologias utilizadas, o docente discernem se os resultados apresentados pelos seus alunos, por meio de atividades orais ou escritas, foram bons ou ruins. É importante destacar que, se os resultados daquela aula não forem os esperados pelo docente, não significa que seja necessário fazer mudanças radicais, como mudar a metodologia, a posição das cadeiras, a forma de expor o conteúdo ou até mesmo de elaborar as atividades, pode significar apenas, que o docente não conseguiu expressar de forma clara ou, que os alunos estavam dispersos, por causa de alguma atividade extraclasse, que ocorreu ou irá ocorrer nos próximos dias.

O que podemos interpretar é que, se essa dispersão ou, se os resultados ruins continuarem a ocorrer é o momento oportuno de mudar a estratégia e tentar novos rumos. “Esses meios incluem as técnicas de ensino, a dinâmica de grupo e outros diferentes recursos (audiovisuais, físicos, humanos, da informática e da telemática, etc.). Por vezes, tais recursos são chamados de métodos didáticos, técnicas pedagógicas ou metodologias de sala de aula” (MASETTO, 1997, p. 95). Mudando a metodologia, pode-se conseguir alcançar as metas desejadas, em outros termos, a metodologia usada pelo professor, pode facilitar ou dificultar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, o docente deve ser capaz de perceber se a metodologia que está sendo utilizada por ele está produzindo resultados ou, se está, causando conflito com assuntos que não se inter-relacionam.

“Se a limitação do professor é grande em se tratando das escolhas dos conteúdos a ensinar, sua liberdade quanto aos métodos a aplicar também é grande. Decidir por um método ou outro, portanto, é quase que exclusivamente da alçada do professor” (INFORSATO, 2011, p. 94), por isso, para entender como se dá a escolha dos métodos, é preciso que o professor, conheça bem a realidade do local onde a Instituição de ensino está inserida, e se a atenção dos alunos é mais facilitada pela exposição das aulas, de maneira explicativa, discursiva, participativa, enfim, a metodologia precisa estar de acordo com a realidade.

Conteúdo e método, embora distintos, não existem um sem o outro em educação. Decidir por um método passivo ou por outro interativo e participativo decerto incide de modo diferente no desenvolvimento do pensamento e do raciocínio do aluno e em sua formação social, levando-o a direções também diferentes. (PONTUSCHKA, 2009, p.38).

Conforme a citação apresentada acima, conteúdo e método, dependem um do outro, afinal, o método tem que estar de acordo com cada conteúdo, por essa razão, não adianta escolher uma metodologia, sem conhecer previamente o conteúdo. De acordo com a metodologia aplicada e o conteúdo a ser visto, o docente pode ir administrando seu cronograma anual (ou outro tempo qualquer) para que possa conseguir ministrar todos os conteúdos inerentes à série, portanto, “Entende-se por cronograma a distribuição do curso e suas atividades pelo espaço de um semestre ou de um ano” (MASETTO, 1997, p. 101). Os planos de aulas também poderão ser alterados, de acordo com o tempo que o docente ainda dispõe ou, para que se adeque ao calendário da Instituição, como afirma Piletti, (1989, p.75) “Ser flexível, isto é, dar margem a possíveis reajustamentos sem quebrar a unidade e a continuidade. O plano pode ser alterado quando se fizer necessário”.

Sendo assim, o cronograma ajuda o professor, a saber, o tempo adequado para cada unidade e, os ajustes necessários para não deixar nenhuma unidade incompleta. A esse respeito, Masetto (1997), explica que o cronograma: “Define o limite ‘tempo’ para as atividades. Dá a indicação realista do que fazer com a carga horária semanal, semestral e anual de que se dispõe” (p. 101). O cronograma serve como uma orientação para o docente, porém, ele não faz parte diretamente do plano de aula. Ele é um instrumento propício para que o docente saiba o tempo que dispõe para elaborar seus planos e executá-los, afinal “Planejar o cronograma por unidades favorece a integração da disciplina com ela mesma e com as demais disciplinas da série, evitando temas justapostos” (MASETTO, 1997, p. 101).

As metodologias utilizadas pelo professor devem estar presentes no plano de aula, e precisam ser constantemente mudadas, caso os resultados das avaliações não sejam tão proveitosos. Pontuschka afirma que: “Conhecer a ciência geográfica e sua trajetória é imprescindível, mas não suficiente; é preciso saber ensiná-la” (PONTUSCHKA, 2009, p.29). Dessa forma, não basta conhecer o conteúdo da disciplina, é necessário utilizar uma boa metodologia para transmiti-lo aos alunos.

Após a metodologia, geralmente, o docente já pensa em como será feita a avaliação, sabendo que, “Avaliar é julgar ou fazer uma apreciação sobre alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores” (HAYDT, 2006, p. 290). É tradicionalmente, feita essa escala de valores de zero a dez, atribuindo uma maior nota aquele aluno que consegue corresponder com respostas exatas ou com resposta convincentes para o docente, porém, a avaliação, pode e deve ser alterada pelo docente sempre que necessário. Segundo Zabala (1998), “Dizemos que alguém aprendeu (fatos) quando é capaz de recordar e expressar de

maneira exata, o original, quando se dá a data com precisão, o nome sem erro, a atribuição exata do símbolo” (ZABALA, 1998, p. 41).

Uma avaliação feita com base no julgamento reprime e deixa os alunos menos participativos e ainda mais distantes das discussões em sala e das atividades orais. Por essa razão, cada vez que o docente for planejar a avaliação no plano de aula, deve pensar em outras formas de classificar os saberes, que seja inclusiva e não excludente, como já é de práxis, como diz o PCN (1997), “Após a exposição, ou trabalho de leitura, o professor avalia, pelos exercícios de memorização, se os alunos aprenderam o conteúdo” (PCN, 1997, p.115). Os exercícios podem ser proveitosos para a avaliação, porém, a memorização, não é um recurso bem vindo, em quase todas as disciplinas, pois leva o aluno, a saber, o que responder no momento pedido, e a esquecer em seguida, mas, o professor deve aplicar os exercícios como forma de fazer os alunos praticarem o que foi visto em sala.

De acordo com Masetto (1997): “Comumente a avaliação é entendida como o resultado de testes, provas, trabalhos ou pesquisas que são dadas ao aluno e aos quais se atribui uma nota ou conceito. Este aprova ou reprova” (p. 98). Com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem ocorrendo fica mais fácil para o professor, avaliar os alunos, bem como, saber qual o melhor tipo de avaliação a ser aplicado na sua turma. Porém, muitas escolas ainda possuem o método tradicional de aulas, e geralmente, limitam a avaliação do aluno à prova escrita, sem levar em consideração, seus níveis de aprendizado, e suas formas de expressão durante as aulas ou, seu desempenho durante as atividades.

Os recursos didáticos é um dos itens imprescindíveis do plano de aula, afinal, os recursos ajudam os alunos a terem uma percepção melhor do que está sendo dito pelo professor, e quando utilizado nas aulas de Geografia, ajudam a desmistificar o título de ‘matéria decoreba’ que a Geografia possui, pois, “A ligação com a geografia da percepção (como vemos o que vemos?) é bastante rica” (REGO, 2007, p.19), afinal, os recursos didáticos são métodos utilizados para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Os recursos didáticos precisam ser colocados no plano de aula, podendo ser alterados, antes da sua execução, pois sempre ocorrem imprevistos, principalmente, quando são utilizados os recursos tecnológicos.

Na Geografia, alguns recursos são tradicionais, como por exemplo, o mapa, como explica Cavalcanti (2010a) “A referência ao mapa é uma constante. Fica bastante claro que, para o aluno, Geografia tem muito a ver com mapa, para conhecer e localizar lugares diferentes no mundo” (p.134) e, com certeza, ele é um recurso que precisa ser muito utilizado pelo professor de Geografia, porque é esse recurso que inclui quase todos os conteúdos de

Geografia, e que ajudam os alunos a se localizarem espacialmente. “A referência ao mapa é uma constante. Fica bastante claro que, para o aluno, Geografia tem muito a ver com mapa, para conhecer e localizar lugares diferentes no mundo” (CAVALCANTI, 2010b, p.134). Os recursos didáticos utilizados em sala de aula são inúmeros, e o professor tem total liberdade de escolher qual recurso se adequa ao conteúdo que será exposto.

E, por fim, apresenta-se no final do plano de aula, a bibliografia ou as referências, que dão ao docente a iniciativa de pesquisar outras fontes, para que todos os planos não constem apenas o mesmo livro didático em todos. “A bibliografia básica se refere aos textos que serão estudados e utilizados em aula. Não se identifica com o livro-texto. Este poderá ser um dos textos trabalhados havendo necessidade de complementação com outros” (MASETTO, 1997, p. 101). Essa parte do plano de aula, talvez seja a mais importante para a coordenação, porque através da bibliografia, a coordenação da instituição, saberá quais são os livros que estão sendo utilizados pelos professores, e se os textos complementares condizem com a disciplina. Segundo Masetto (1997), os textos complementares: “São os textos a partir dos quais os estudos serão realizados. Podem ser livros, revistas, jornais, poemas, romances, artigos, letras de música, peças teatrais, textos escritos por professores e alunos, etc.” (MASETTO, 1997, p. 101).

2.4. Considerações sobre a função primordial do professor

Segundo Castrogiovanni (2010) “Um dos principais papéis dos educadores é o de fazer com que os alunos pensem sobre as coisas que até então não haviam pensado” (p. 151 e 152), o professor, dessa forma, é a parte essencial para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça, pois, sem o mediador de conhecimentos, os alunos não conseguem a compreensão de conteúdos, como também, dificilmente, conseguirão relacionar esses conteúdos com a sua aplicabilidade no dia-a-dia.

Rego (2007), afirma que: “Atualmente, para compreender o mundo é necessário não apenas ter acesso à informação, mas fundamentalmente saber analisá-la e interpretá-la. Queríamos alunos que aprendessem a aprender e ampliassem sua relação com o saber” (p.60). Sendo assim, é papel do professor fornecer os meios necessários para que o aluno possa aprender e desenvolver sua capacidade de pensar e agir, bem como, exercer futuramente seu papel de cidadão. A finalidade da educação é propiciar ao aluno a oportunidade de aprender e colocar em prática aquilo que foi aprendido, sabendo que, “O indivíduo completo é aquele

que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos” (SANTOS, 1997, p.133).

É preciso que os professores sejam capazes de despertar nos alunos a vontade de aprender. Para isso, é necessário, planejar as aulas de modo que haja esse despertamento, a fim de que os alunos sejam motivados a aprender e os professores sejam também motivados a ensinar. O professor é, então, o mediador de conhecimentos, e não o ‘detentor’, afinal, da mesma maneira que o aluno precisa do professor para aprender, o que lhe é proposto em cada série; o professor precisa muito mais do aluno para continuar aprendendo para ensinar, e para ser movido por questionamentos dos alunos para se tornar um pesquisador com mais tenacidade.

Segundo Demo (2010) “Com a desvalorização da carreira de professor, o ingresso nas licenciaturas tornou-se uma última opção pelos jovens” (p.99), com base nesse contexto, afirma-se que o ensino de qualquer disciplina não é uma tarefa fácil, principalmente porque a educação não é valorizada em nosso país, porém, ainda que seja difícil, o essencial é que o professor tenha interesse em ensinar, mais do que os alunos em aprenderem. “Tudo vale a pena, se o aluno aprende. Assim, vale a pena encantar os alunos, se isto ajudar a aprender. Professores que sabem atrair a atenção empregam dinâmicas envolventes, organizam um ‘show’ divertido, podem, com isso, promover a aprendizagem, porque exaltam o valor do esforço de aprender” (DEMO, 2010, p. 49). A expectativa do professor, contudo, deve ser menor que o interesse do aluno, a fim de que ele não se torne um professor frustrado, por fazer demais e ser recompensado de menos, “Portanto, ao se esperar que qualquer tipo de motivação estabeleça relação com o processo de assimilação do conhecimento pode-se correr o risco da decepção” (MOYSÉS, 2011, p. 77).

3. As metodologias utilizadas nas aulas de Geografia

É no sentido de buscar o interesse dos alunos nas aulas de Geografia que o professor deve utilizar novas metodologias, além do mais, deve estar atento se as metodologias usadas por ele estão dando o resultado esperado, levando em consideração que não se deve utilizar um tipo de metodologia só, mesmo que esta seja a melhor maneira encontrada por ele para o entendimento dos alunos. Entretanto, é essencial compreender que a metodologia é a parte mais importante de uma aula, pois, de acordo com a forma como o conteúdo é exposto, explicado ou dialogado com os alunos, é que o professor analisa o aprendizado dos alunos. Segundo Gil (1994, p.65), “Boa parte das críticas feitas à aulas expositivas são pertinentes.

Porém, uma aula bem planejada constitui estratégia adequada em muitas situações .O que importa é que o professor identifique a aula exposição como uma entre muitas estratégias possíveis , com vantagens e limitações , recomendável em certas situações e contra indicada em outras”.

Tendo em vista, a existência de várias metodologias, a intenção deste Trabalho, não é enumerá-las, classificá-las ou até mesmo descrever as mais adequadas ou não, mas sim, mostrar que o professor deve estar sempre mudando sua forma de ensinar, pois quando o professor muda a sua metodologia adequando esta aos conteúdos, desperta o interesse dos alunos, afinal, “Com o tempo, a convivência vai aprofundando as relações e mostrando as diferenças. Ao mesmo tempo, a interação estimula a produção de um conhecimento conjunto, e a ciência se torna, assim, uma aprendizagem coletiva” (MASETTO, 1997, p. 35), além de proporcionar que eles se integrem, participem, colaborem com conhecimentos prévios, e ainda, mudem a rotina que, geralmente, para eles e para os educadores é cansativa e pouco proveitosa.

Diversos autores já realizaram estudos na busca de como despertar o interesse dos alunos ou como melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Na Geografia, o mais importante, é que o professor utilize metodologias que proporcionem o entendimento dos alunos, para que eles possam saber o que é o espaço geográfico, e aprendam a ter noções de como a Geografia se aplica no seu dia-a-dia, nesse contexto, percebe-se que, “O ensino fundamental e o médio devem ser, acima de tudo, desafiadores, capazes de despertar o interesse dos alunos para a resolução dos problemas que a vida apresenta” (REGO, 2007, p.44). Percebe-se ainda que, o professor pode e deve utilizar exemplos do meio onde os alunos estão inseridos, e aplicar esses conhecimentos em suas aulas, como por exemplo, a infraestrutura do local, onde vivem e as condições de vida daquele bairro, entre outras inúmeras questões que podem ser trabalhadas em sala, de forma bem específica, sabendo que, “Ensinar exige respeito aos saberes dos discentes. Por que não aproveitar a experiência que tem de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo: a poluição dos riachos e córregos” (FREIRE, 1996, p.30). Portanto, é, a metodologia escolhida pelo professor que possibilita integrar essas questões aos conteúdos dos livros didáticos. Afinal, quando o professor relaciona os conteúdos mais amplos com aspectos mais específicos e que são da realidade vivenciada por eles, a aprendizagem torna-se mais fácil, e o professor tem mais facilidade em explicar conteúdos que muitas vezes, são longe da realidade deles.

Ao se referir à metodologia utilizada pelo professor em sala de aula, não se pode classificar os métodos em bons ou ruins, pois na verdade, não existe método ruim, ele pode

ser inadequado para um determinado conteúdo, ou pode ser ineficiente, para certa ocasião, devido à indisciplina dos alunos ou, outras dificuldades que só o professor será capaz de identificar, “Ademais, a grande deficiência nas escolas brasileiras não é o uso de métodos certos, errados ou inadequados, e, sim, a sistemática falta de uso de métodos” (OLIVEIRA, 1993, p. 41).

Entretanto, é preciso lembrar que as dificuldades são encontradas em todos os lugares, e que a indisciplina dos alunos, a falta de recursos ou qualquer outro problema, não será resolvido tão facilmente, porém, cabe ao professor, tentar contornar essas situações, observando que, não é o uso de métodos tradicionais, ou rígidos que levarão esses alunos a despertar interesse pelas aulas, ou melhorarem o seu aprendizado, afinal, poucas são as imagens trazidas pelos alunos de salas de aula interessantes e dinâmicas, geralmente são vistas pelos alunos como Masetto (1997) afirma: “Outras vezes, a imagem da sala de aula é mais em branco e preto, da sisudez do professor, das reguadas, dos castigos, das salas escuras, das situações monótonas e chatas” (p. 30).

Atualmente, a importância do ensino de Geografia exige que o professor esteja sempre se atualizando para que saiba introduzir em suas aulas temáticas atuais, sendo assim, o professor não pode tratar em suas aulas assuntos que estão na mídia, com simples aulas expositivas. Muitas escolas ainda possuem o método tradicional de aulas, mas, isso não impede que o professor aplique alguns métodos construtivistas em suas aulas, sempre que necessário. Segundo Haydt (2006), “(...) o professor vai resolver se fará em sua aula uma exposição dialogada, ou se aplicará um estudo dirigido, ou se fará um Trabalho com textos, ou se usará uma dramatização, ou se utilizará jogos educativos, ou se fará um Trabalho em grupo” (p. 145), o importante é que crie um ambiente favorável para o aprendizado.

A Geografia apresenta inúmeras oportunidades para o professor diversificar suas aulas, pois, o professor, pode inserir recursos didáticos diversificados em todos os conteúdos, e proporcionar, por exemplo, em aulas que o conteúdo seja relacionado com a cartografia, o docente pode trabalhar com a noção de construção de mapas, com desenho de plantas e representações cartográficas simples em sala, como afirma Castrogiovanni (2010) “Desenhar trajetos, percursos, desenhar plantas da sala de aula, da casa, pode ser o início do aprender a fazer mapas” (p. 90), bem como fazer uso de aulas interativas com mapas, computador, globo terrestre, atlas, e outros recursos didáticos que facilitam a metodologia, pois, “Os temas são infinitos e dependem da criatividade dos professores, dos alunos e das ferramentas que estão à disposição” (REGO, 2007, p.45).

3.1. Análise da forma de ensino de Geografia

Objetiva-se com esse Trabalho analisar a forma de ensino da Geografia, no sentido de reconhecer as mudanças que estão ocorrendo nas aulas de Geografia, e mostrar que essas mudanças são necessárias, já que os alunos hoje tem acesso a inúmeras informações, e em tempo real, desse modo, o professor deve acompanhar esse novo ritmo de aprendizado e sistematizar esses conhecimentos, desmistificando algumas informações errôneas e esclarecendo outras que podem ser interpretadas de forma errada. Sendo assim, o ensino de Geografia é analisado por muitos teóricos, e nesse sentido, Pontuschka afirma que:

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. (PONTUSCHKA, 2009, p. 38).

Segundo Castrogiovanni (2010) “Tudo pode ser interpretado pela luz da Geografia” (p. 165), nesse sentido, considera-se que, a Geografia é uma das disciplinas mais amplas, e que permite a relação direta com outras ciências, sem perder a sua essência. Por essa razão, sempre que necessário, o professor deve buscar informações em outras disciplinas, para enriquecer o seu planejamento, como a História, a Economia, a Antropologia e outras ciências que ampliarão o seu campo de conhecimento, para que ele possa ministrar o conteúdo com mais propriedade, e não de forma isolada.

O que é a Geografia escolar na atualidade? Como ela se realiza? Como o professor a constrói? Quais os desafios da prática do ensino da Geografia? Quem são os alunos da Geografia? Como são esses alunos? Como praticam a Geografia do dia-a-dia? Como aprendem Geografia na escola? Que significados têm para os alunos aprender Geografia? Que dificuldades eles têm para aprender os conteúdos trabalhados nessa disciplina? (CAVALCANTI 2006, p. 66).

Muitos são os questionamentos dos professores ao iniciar a docência, pois muitas vezes, o professor idealiza o ensino de Geografia de uma forma, mas, não consegue colocá-lo em prática da maneira esperada, por se confrontar com realidades tão diferentes em uma sala de aula, ou até mesmo, perder um pouco do encantamento com a disciplina devido as condições apresentadas na educação, em vários aspectos, porém é necessário, que o professor procure resolver esses conflitos interiores e buscar o objetivo principal, que é fazer os alunos

pensarem e construir seus conhecimentos, opiniões próprias e senso crítico, mas, sem que ele interfira nesse processo, impondo suas próprias opiniões, pois o dever do professor é incentivar o aprendizado e fazê-los ver o mundo diferente, “Se conseguimos fazê-los pensar em coisas que até então não haviam pensado, atingimos um dos objetivos do educar: estimular a capacidade de expressão e criação de cada cidadão” (CASTROGIOVANNI, 2010, p. 142).

3.2. A metodologia como forma de colocar em prática o planejamento

Segundo Haydt (2006) “Os métodos e técnicas não são neutros, pois estão baseados em pressupostos teóricos implícitos. Além do mais, sua escolha e aplicação dependem dos objetivos estabelecidos” (p. 144), por isso em todos os contextos, pode-se dizer que as metodologias são usadas para que o professor tenha melhores resultados mediante a sua prática, dessa forma, ele faz uso de métodos e técnicas, que consigam integrar todos os alunos, e ajuda os mesmos a aprenderem e desenvolverem sua capacidade de pensar. Porém, a escolha de cada método depende do que se pretende alcançar, visto que, quando o professor utiliza uma técnica diferente da tradicional, ele faz a diferença no processo de ensino, e contribui na construção dos conhecimentos que os alunos já possuem com os novos conhecimentos expostos durante a aula. Em suma, cabe ao professor selecionar os métodos que mais se adequam a seus alunos, bem como, aos conteúdos, aos recursos e a série. por isso Haydt (2006), afirma que:

A aprendizagem ocorre quando o aluno participa ativamente do processo de reconstrução do conhecimento, aplicando seus esquemas operatórios de pensamento aos conteúdos estudados. Por isso, a aprendizagem supõe atividade mental, pois aprender é agir e operar mentalmente, é pensar, refletir. (HAYDT, 2006, p. 148).

Os saberes teóricos se articulam à medida que o docente aborda os conhecimentos prévios e desperta o interesse e, a participação dos alunos nas aulas, caracterizando assim, esse método, e denominando de aula participativa. Dessa forma, é necessário compreender que a aprendizagem dos alunos, e o procedimento do professor, fará com que essa aprendizagem seja significativa, pois, os alunos poderão relacionar o que já sabem com os conhecimentos que estão adquirindo. A proposta de ensino desse método, onde os alunos participam ativamente da aula é o ensino construtivista. “No enfoque construtivista, nós não buscamos o que os estudantes podem repetir, mas o que podem criar, demonstrar e mostrar”

(CARRETERO, 1997, p. 30), para que esse método funcione em sala é necessário propor a participação dos alunos na construção do conhecimento, como também necessitamos da intervenção do professor durante as aulas, acompanhada da transmissão dos novos conceitos e conhecimentos, “Portanto, na exposição dialogada o aluno desempenha um papel mais ativo, pois participa da exposição do professor, fazendo comentários, relatando fatos, dando exemplos, argumentando, expondo suas dúvidas e respondendo perguntas” (HAYDT, 2006, p. 155).

Em contraposição a essa metodologia participativa, temos a aula expositiva, que geralmente, é a mais utilizada entre os professores de qualquer disciplina. “Numa boa exposição, o professor deve apresentar os conhecimentos (informações, idéias, conceitos e princípios) relacionados e encadeados entre si, mostrando suas semelhanças e diferenças” (HAYDT, 2006, p. 158), para tanto, têm-se a ideia que a apresentação dos conhecimentos deve ser feita pelo professor, sem que o aluno possa questionar, ou interagir com o professor durante a aula. Em uma de suas esferas, a aula expositiva pode se modificar de acordo, com a temática, pois existem conteúdos, que realmente precisam ser mostrados através de aulas expositivas, mas, o professor pode fazer uso do diálogo, para que os alunos participem, perguntando ou até mesmo, dando alguma contribuição em algum aspecto do assunto exposto. “Cabe ainda ressaltar que a exposição deve ser limitada no tempo, em função do nível de maturidade dos alunos, e deve ser sempre alternada com outras técnicas didáticas” (HAYDT, 2006, p. 159).

Nas aulas expositivas, podem ser usadas técnicas, como o Estudo dirigido, no qual Haydt (2006) dá uma definição apropriada: “O estudo dirigido é uma técnica de ensino individualizado, que respeita o ritmo de aprendizagem de cada aluno, embora se realize em situação social, na sala de aula, com a supervisão do professor” (p. 162), sendo assim, o Estudo dirigido pode ser trabalhado como uma espécie de questionário orientado pelo professor e executado pelos alunos, com base em um assunto já estudado anteriormente. Porém, não precisa ser uma técnica tão tradicional.

A vantagem do método tradicional na visão do professor é o fato em que ele é o centro do aprendizado e, por esse motivo, possui um maior controle das aulas, e para alguns isso faz com que sintam-se mais confiantes em como conduzir e ensinar determinados conteúdos. (PINHO, 2010, p 5).

Vale salientar, que o método tradicional, não é um método ruim, mas, às vezes, precisa ser modificado, para que as aulas se tornem mais dinâmica e auxiliem no aprendizado,

afinal, “A técnica do estudo dirigido baseia-se no pressuposto de que a aprendizagem efetiva exige a atividade do aluno. O termo atividade aqui é entendido não apenas no sentido físico, de ação efetiva, mas principalmente no sentido mental” (HAYDT, 2006, p. 161).

Durante a execução desse tipo de atividade, o professor pode despertar a curiosidade do aluno em pesquisar no livro didático alguns conceitos que podem ter passado despercebido por ele, em outras aulas. Por fim, o estudo dirigido pode ser ensinado pelo professor, como uma técnica que os alunos podem utilizar para estudar para as provas. “O estudo dirigido surgiu da necessidade de transmitir aos alunos técnicas de estudo, isto é, de ensiná-los a estudar” (HAYDT, 2006, p. 162).

3.3. Como mudar a metodologia utilizada?

“Se a limitação do professor é grande em se tratando das escolhas dos conteúdos a ensinar, sua liberdade quanto aos métodos a aplicar também é grande. Decidir por um método ou outro, portanto, é quase que exclusivamente da alçada do professor” (INFORSATO, 2011, p. 94), pois só o professor, sabe a metodologia que melhor se adequa a sua turma. Diante desse quadro, pode-se afirmar que é responsabilidade do professor saber qual o melhor método a ser utilizado e em que momento deve mudá-lo. A metodologia deve ser escolhida, a partir do momento que o professor faz o plano de aula e, planeja o modo como irá expor o conteúdo, dessa forma, ele sabe qual a metodologia que traz mais resultados, ou que pode utilizar com os recursos disponíveis, e isso só pode ser percebido pelo professor, a partir do plano de aula, pois se o professor for ministrar sua aula, de improviso, ou por mera obrigação, ele fará com que a metodologia aplicada, sendo adequada ou não, seja aceita pelos alunos.

É notável, o interesse cada vez maior dos alunos, por aulas que tenham movimento, novidades e a participação deles no processo de ensino e aprendizagem, “Cabe ao professor, independente dos procedimentos de ensino que usa e dos métodos que aplica, estimular os esquemas mentais dos alunos, criando condições para que eles construam o conhecimento através de sua própria atividade” (HAYDT, 2006, p. 149). Dessa forma, pode-se dizer que, a metodologia aplicada é que trará o resultado que o professor almeja, ou seja, se o conteúdo for fácil, mas, a metodologia não for adequada, o aluno sentirá dificuldades em aprender, por outro lado, se o conteúdo for complexo, mas, o professor utilizar uma metodologia participativa, dialogada e explicativa, com ajuda de recursos didáticos, o aluno terá mais facilidade de assimilar o que está sendo exposto em sala de aula.

O exercício de qualquer profissão é prático, portanto, o professor pode ter um conhecimento amplo sobre determinado assunto, mas quando vai expor na sala de aula, não sabe como fazê-lo, por isso, é preciso, que o docente esteja sempre buscando formas mais fáceis de transmitir o conteúdo, e fazer os alunos participarem da construção desse conhecimento. No entanto, faz-se necessário, que o professor alie a teoria à prática. O papel das teorias é importante para o professor, mas só uma boa metodologia utilizada na prática, fará essa teoria ser compreendida pelos alunos em sala de aula, como Freire (1996) afirma “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente (...). Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei” (p. 106-107).

Refletindo sobre as práticas docentes no ensino de Geografia, percebe-se que vários conteúdos, só podem ser compreendidos pelos alunos com a ajuda de recursos didáticos adequados, porém, não adianta ter bons recursos, se não souber como usá-los. Tais aspectos são importantes na prática docente, pois só assim o professor pode analisar, se realmente está ajudando os alunos a compreenderem o conteúdo ou, se está apenas passando informações, que logo serão esquecidas. “O questionamento que deve acompanhar o professor na elaboração da proposta metodológica é o seguinte: ‘O que é preciso fazer para que estes alunos aprendam efetivamente este conteúdo? Com esta ação que estou tendo, que ação estou propiciando ao aluno (tipo/ grau de atividade e de significação)?’” (VASCONCELLOS, 2010, p. 147). Tais questionamentos têm como objetivo maior possibilitar a reflexão do professor e as mudanças necessárias nas metodologias utilizadas por este.

Segundo Haydt (2006): “Para que a aprendizagem se torne mais efetiva, é preciso substituir, nas aulas, as tarefas mecânicas que apelam para a repetição e a memorização, por tarefas que exijam dos alunos a execução de operações mentais” (p. 148). Percebemos, portanto, que a real intenção do professor deve ser despertar o aprendizado dos alunos, através de atividades conscientes, e não mecânicas, para que eles saibam o objetivo da execução da tarefa e o que pode aprender com essa tarefa, nesse contexto, “A atividade oral também é essencial no processo de construção do conhecimento” (STRAFORINI, 2008, p. 124).

4. Recursos Didáticos: sua importância e sua utilização

“Recursos são os meios materiais que utilizamos para orientar a aprendizagem dos alunos, que vão construir o conhecimento a partir do contato” (VASCONCELLOS, 2010, p. 147). Dessa forma, há a necessidade da utilização de recursos didáticos em sala de aula, para

que os alunos sejam estimulados a aprender, como também, não ter as aulas ministradas apenas pelo livro didático, pois, os recursos didáticos ajudam o aluno a fazer a relação do conteúdo com o seu cotidiano. É essencialmente a necessidade desse processo de interação entre o aluno e o conteúdo, a ser entendido de forma mais clara, que os recursos didáticos passaram a ter mais importância em sala de aula. Muitas são as inquietações que surgem, por parte do professor, que procuram qual o melhor recurso a ser utilizado, como também do aluno, que cria uma expectativa de qual recurso será utilizado pelo professor. Tais questionamentos nos levam a outra perspectiva, acerca da realidade do processo de ensino e aprendizagem, pois, este precisa utilizar recursos que vá de encontro à realidade vivenciada pelos alunos. É necessário algo motivador acontecer durante as aulas, para que os alunos possam dar a atenção que é almejada pelo professor, visto que a maior dificuldade dos alunos está em conseguir prestar atenção em aulas que não apresentam recursos didáticos, como afirma Menegolla (2010) “Os melhores e mais eficazes meios e recursos sempre devem ser selecionados e organizados a partir dos objetivos do planejamento. São os objetivos que devem decidir sobre os recursos e meios” (p. 18).

As maiores dificuldades apresentadas pelos alunos, de modo geral, ainda são a absorção dos conteúdos diante da realidade vivenciada por eles e, a correlação desses conteúdos com sua utilização para a vida, afinal, “O mundo se apresenta a nós, aos nossos alunos futuros professores e aos alunos desses, diariamente, de uma maneira tão fragmentada que nos sentimos inseguros diante da realidade” (REGO, p.67). Algumas outras dificuldades podem ser encontradas em sala de aula, sendo assim, há a necessidade do professor, inovar suas aulas e tentar despertar o interesse dos alunos. Uma dessas dificuldades é, quando o conteúdo é ministrado utilizando apenas o livro didático de Geografia, o resultado é que a maioria dos alunos não dá muita importância. A solução é inserir novas metodologias e estratégias que possam fixar a atenção dos alunos, e os recursos didáticos atendem bem a essa necessidade dos alunos e a expectativa do professor, visto que, dessa forma o docente avalia os alunos que se interessam e que absorvem bem o conteúdo ministrado através de suas ideias ao utilizar os mesmos. Em relação às aulas de Geografia, a maior dificuldade encontrada nas escolas é a falta de interesse dos alunos, por ainda ser considerada uma matéria decorativa. Sendo assim, os recursos didáticos, ajudam e despertam o interesse necessário em aprender.

Segundo Oliveira (2002) “(...) o Brasil se distancia muito dos países europeus, onde as teorias de ensino são assimiladas ao longo do tempo, as inovações são mais lentas, mas mais duradouras e as modas pedagógicas passageiras sofrem resistências com grande vigor” (p. 40). Desse modo, percebe-se a triste realidade na educação, na qual o Brasil está inserido,

porém, o professor é o agente responsável pela transformação dessa realidade. Não há porque, ficar esperando que algo aconteça, é preciso agir com os recursos disponíveis e, tentar modificar através de muita criatividade, a expectativa dos alunos ao vir para a escola, pois, “O desinteresse dos alunos deve ser combatido com temas atuais, e pode-se procurar identificar as características do grupo para envolvê-lo” (REGO, 2007, p.45). Dessa forma, todo recurso didático tem a sua importância, pois, leva o aluno a sair da rotina e criar interesse por um conteúdo que antes parecia ser apenas mais um, levando-o a ver aquela aula com mais vivacidade e participando de forma ativa do processo ensino e aprendizagem.

4.1. Recursos didáticos mais utilizados nas aulas de Geografia

Rego (2007) afirma que “Acreditamos que, para qualquer proposta de práticas prazerosas no fazer escolar, deve haver o entendimento, inicialmente, do que é geografia” (p.35). Facilitando o entendimento desse conceito, o docente tem um vasto trabalho pela frente, principalmente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental II, onde tudo é novo para os alunos, e há uma ‘quebra’ de afetividade, pois estavam habituados a ter apenas um professor, e agora têm vários, além de inúmeras matérias, o que chega a assustá-los, no 6º ano.

Outro tema abordado, quando se trata de Geografia como disciplina escolar, é a interdisciplinaridade, como Rego (2007) afirma “A geografia talvez seja a disciplina que mais trabalhe com práticas interdisciplinares, percorrendo um leque de possibilidades na área da educação” (p.44), nesse sentido, a interdisciplinaridade deve ser trabalhada pelos professores, de modo que o principal foco seja o aprendizado do aluno. Ela pode ser também, uma possibilidade de trabalhar temas transversais e temas que os ajudem a cooperar com a comunidade escolar ou, utilizar essa prática interdisciplinar para entender a relação dos conteúdos de todas as disciplinas, interligando seu raciocínio lógico com sua aplicabilidade no dia-a-dia, sabendo que, “Não existe conhecimento pertinente senão quando se é capaz de contextualizar sua informação, de globalizá-la e de situá-la em um todo” (REGO, 2007, p.55).

A inserção dos recursos didáticos proporciona aulas de Geografia de melhor qualidade, principalmente, se os alunos participarem da confecção desses recursos didáticos, como por exemplo, as maquetes. Pois isso, desperta nos alunos interesse e faz com que eles aprendam na prática os conteúdos ensinados em sala de aula. “Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo Trabalho é prazeroso, mas os resultados nem sempre são imediatos” (REGO, 2007, p.45).

A inserção da maquete como recurso didático proporciona aulas de Geografia de melhor qualidade, visto que ela faz com que eles possam interagir e criar, além de ampliar os horizontes, pois, não fica retido apenas na leitura e na cópia do quadro para o caderno, mas em contato com os materiais dispostos para a confecção da maquete que lhe desperta um interesse. “Em suma, a ocorrência da aprendizagem está relacionada com o nível de desenvolvimento mental alcançado pelo aluno” (MOYSÉS, 2011, p. 40). Por essa razão, ao colocar os alunos para confeccionar um recurso tão importante como esse, o objetivo do professor está sendo, racionalizar os esforços, o tempo e os recursos utilizados para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, através da confecção de maquetes nas aulas de Geografia.

O conteúdo compreendido pelos alunos é importante, já que o contexto social da maioria deles, não favorece o ensino da Geografia na escola, mas, quando os recursos passam a ser utilizados e corretamente aplicados ao conteúdo, este se torna produtivo, fazendo o aluno interligar o pensamento à sua realidade, e entender as inovações do mundo moderno através da disciplina de Geografia. Segundo Lesann (2009) “O Trabalho com a maquete costuma ser visto como uma atividade em si, não como um meio de aprendizado; por isso, é comum ver em ‘feiras de ciências’ a maquete do bairro da escola ou da sala de aula” (p. 139). A maquete apresenta-se como um recurso didático essencial, pois na prática eles absorvem o conteúdo e aprendem com mais facilidade, afinal, o papel do professor é incentivar a aprendizagem, e a maquete auxilia o mesmo, a conseguir esse feito.

Sendo assim, a maquete oferece a vantagem de concentrar a atenção do aluno e a observação concreta do conteúdo abordado junto às relações sociais e ambientais, a fim de que o aluno possa fixar as circunstâncias e comparar com as situações cotidianas ensinadas pela Geografia, sabendo que, a maquete quando bem trabalhada, pode ser usada tanto na Geografia Física, quanto na Geografia Humana. Portanto, a utilização desse recurso pelos professores, torna-se relevante, tendo em vista que a maquete em si, é um dos recursos didáticos que mais envolvem e motivam os alunos, visto que, não é um recurso utilizado apenas pelo professor, bem como, não é um recurso apenas demonstrativo, mas manuseado e construído por eles. Afinal, o aluno ao construir a maquete aprende de forma mais rápida e fixa melhor o aprendizado do conteúdo, porém é preciso ensinar o conteúdo antes de iniciar a confecção de qualquer maquete, pois, “O ensino, sobretudo o mero ensino, dificilmente é prático, porque esconde uma visão mecânica de prática” (DEMO, 2010, p. 27).

A maquete (maquete, maqueta ou modelo) que é um recurso didático muito utilizado por profissionais de arquitetura e engenharia, e também pelo ramo imobiliário, é uma palavra

originária do termo francês *maquette* e, nada mais são do que, uma representação em escala reduzida, seja de que for, podendo ser utilizada perfeitamente no ensino de Geografia para representar o sistema solar, o interior da Terra, ou qualquer lugar da superfície terrestre. Ela é um recurso didático concreto, além de ser dinâmico, pois dependendo de sua confecção pode representar fielmente o lugar ou tema escolhido.

As maquetes são, geralmente, utilizadas para outros fins, que não são salas de aula, porém, elas são ótimos recursos didáticos para serem usados nas aulas de Geografia, visto que facilita o aprendizado e pode ser usado sob vários aspectos e, em diferentes dimensões do espaço geográfico, mostrando as mudanças no caso de fazer uma maquete comparativa, seja no tempo, fazendo o antes e o depois de determinado espaço, ou no espaço urbano e rural, entre outros. O importante é que esse recurso possibilita várias formas de uso e várias interpretações, como no caso da Geografia, que a maquete pode ser utilizada no âmbito social, econômico, entre outros, a fim de representar o espaço geográfico da melhor maneira, já que, “O espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem” (PCN, 1997, p. 109).

As maquetes podem ser construídas com diversos materiais e de diversas formas, principalmente em grupos, “De fato, saber trabalhar em grupo pode parecer algo fácil, mas é um dos desafios mais exigentes, porque põe à prova não só a solidez individual, mas, sobretudo a capacidade de aprender com os outros” (DEMO, 2010, p. 54), por essa razão o professor pode utilizar a maquete como forma de avaliar o aluno, além de ser uma oportunidade dos alunos mostrarem seus conhecimentos e criatividade, quando eles participam da confecção das mesmas.

A confecção das maquetes desperta nos alunos interesse e faz com que eles aprendam na prática os conteúdos ensinados em sala de aula, e aprimora os conhecimentos, além de eliminar essa ideia de que a Geografia é uma matéria decorativa. “Como maquete da Terra, o globo terrestre é sua representação mais fiel e, portanto, precisa ser utilizado como instrumento para que o aluno conceba as relações espaciais entre as localidades de seu espaço” (ALMEIDA, 2010, p. 84). Por essa razão, a maquete é um recurso didático essencial, que precisa ser inserido no ensino da Geografia na sala de aula. Após a leitura, a releitura e a aprendizagem em sala, passa então a ser o momento propício para a confecção da maquete em sala, pois, o aluno já aprendeu o suficiente para colocar em prática a representação do conteúdo de forma concreta.

Segundo Carvalho (2004) “O passo mais importante para que o aluno possa tornar-se sujeito do conhecimento é que ele seja considerado em sua unicidade” (p.64), nesse contexto, sem dúvidas, a maquete, atende bem a necessidade daquele aluno que tem déficit de atenção

ou que está desestimulado para aprender, em ambos os casos, a solução é inserir novas metodologias e estratégias que possam fixar a atenção dos alunos. Além do mais, a maquete atende bem a necessidade do professor, levando em consideração que, dessa forma o docente avalia os alunos que se interessam e que absorvem bem o conteúdo ministrado através de suas ideias e seus conhecimentos prévios ao montar a mesma.

4.2. O uso do Livro didático de Geografia

No Ensino Fundamental II, geralmente verificamos que quando o conteúdo é ministrado utilizando-se apenas o livro didático, o resultado é que a maioria dos alunos não dá muita importância. Nesse sentido Carvalho (2004) afirma que, “A escolha de um livro didático se mostra apropriada, pela indubitável verdade de que a grande ferramenta do professor brasileiro sempre foi o livro didático” (p.45), afinal, o livro didático é sim, uma ferramenta importantíssima, porém, a inserção de alguns recursos, leva o aluno a ter mais interesse pelos conteúdos ministrados na aula. Dessa forma, pode-se dizer que os alunos quando não tem essa motivação não acompanham as aulas de maneira interativa, por não acharem as aulas interessantes e/ou motivadoras. Mesmo, que esse não seja o ponto fundamental para que a aprendizagem ocorra, as aulas quando motivam o aluno, torna-se um ponto positivo para que eles aprendam mais facilmente o conteúdo, e os mesmos não se tornem uma matéria decorativa e cansativa. “Mas a verdade é que grande parte do conhecimento veiculado em sala de aula não se afasta dos pseudoconceitos ou da simples memorização” (MOYSÉS, 2011, p. 30).

Segundo Carvalho (2004) “Todo aluno deve apreender o mesmo da mesma maneira” (p.64), mas, para que isso aconteça é preciso que o professor esteja atento a necessidade de cada aluno, observando de que forma ele aprende melhor, e em que ritmo, visto que, os ritmos de aprendizado são diferentes. Por essa razão, pode-se afirmar que o professor é o agente intermediário do processo de ensino aprendizagem, já que ele é o responsável por motivar seus alunos, não que a motivação seja tudo, mas, com certeza sem motivação os alunos não aprendem nada, como afirma Moysés (2011) “Voltando, então, à questão da relação entre aprendizagem e motivação, chega-se a conclusão de que não basta que o aluno esteja motivado” (p. 41).

O ensino da Geografia na escola, portanto, deve estar baseado no conteúdo do livro didático, a fim de seguir um roteiro para o ano letivo, porém, o professor pode utilizar diferentes linguagens oportunizando aos alunos e a ele próprio, uma nova leitura/releitura e

ponto de vista, que se torne mais significativo esses conteúdos para facilitar a compreensão, pois quando o conteúdo é ministrado utilizando apenas o livro didático de Geografia, o resultado é que a maioria dos alunos não dá muita importância, sabendo que, “Nesse mundo do limiar da modernidade é impossível tratar de técnicas educacionais sem lembrar que o mundo, hoje, é o mundo das imagens” (CARVALHO, 2004, p.61).

É claro, que alguns alunos interessam-se pelas aulas da maneira que são ministradas, independente da utilização ou não de recursos didáticos, porém, da maneira que os alunos estão vivendo fora da escola, tendo acesso a aparelhos eletrônicos, a videogame, celular, computador, entre outros, dificilmente, vai querer ter interesse por uma aula onde seja utilizado apenas quadro, pincel atômico e livro didático, mesmo sabendo que essa é a forma mais utilizada pelos docentes, como afirma o PCN (1997) “Independentemente da perspectiva geográfica, a maneira mais comum de se ensinar Geografia tem sido pelo discurso do professor ou pelo livro didático” (p. 115), porém, quando o conteúdo é ministrado utilizando apenas o livro didático de Geografia, o resultado é que a maioria dos alunos não dá muita importância. Outro aspecto a ser destacado são os livros que tem os conteúdos muito resumidos, e quase não apresentam ilustrações ou mapas para facilitar a aprendizagem. “Com a massificação da escola, os livros didáticos vão se tornando mais enxutos quanto ao conteúdo e passam a ter muitas ilustrações” (CARVALHO, 2004, p.46). As ilustrações ajudam o aluno a entender os temas abordados no livro, mas os conteúdos em contrapartida estão diminuindo nos livros, fazendo com que alguns professores passe muito tempo repetindo as mesmas coisas em sala, ao invés de inovar com recursos didáticos, ajudando os alunos a fixar melhor esse conteúdo. Mas ainda assim, o livro didático é a melhor forma de seguir um roteiro para conteúdos.

O livro didático não deixa, na verdade, de ser uma lista de conteúdos (mais ou menos apropriados a determinados propósitos). A geografia que toma forma na sala de aula depende de inúmeras variáveis que agem sobre esse conteúdo, notadamente, os objetivos que os professores, de forma mais ou menos consciente, determinam para cada um dos temas estudados, que podem vir ou não ao encontro da concepção do autor do manual. (CARVALHO, 2004, p. 119,120).

Cabe ao professor, utilizar o livro didático da melhor forma possível, ou seja, explorando tudo que nele está, porém evitando ficar retido apenas em seus conteúdos e textos complementares, mas, buscar outras fontes, outras informações, e inserir em suas aulas outras bibliografias. “O papel do livro didático limita-se a dar suporte ao trabalho do professor, que

precisa ter outras fontes de consultas” (LESANN, 2009, p. 148), embora, saibamos que, muitas vezes o professor tem a oportunidade de indicar ou escolher o livro didático que irá utilizar no ano letivo, mas nem sempre é assim, às vezes, o professor utiliza um livro escolhido pela coordenação ou por outros professores da instituição. Também é papel do professor, ir adaptando os conteúdos do livro à sua realidade, e ao cotidiano dos seus alunos, mesclando os assuntos com outros textos, mesmo que reprove a utilização do livro de determinado autor ou determinada editora. “Existem livros didáticos de Geografia preferidos pelos professores, uma vez que, além das informações ou os chamados conteúdos geográficos propriamente ditos, eles apontam as atividades a serem realizadas pelos alunos” (KIMURA, 2010, p. 22), por essa razão, o ideal é que o professor se sinta à vontade, com o livro que irá utilizar, já que ele será o norteador de seu trabalho, e de seus planejamentos durante todo o ano.

4.3. Sugestão de recursos didáticos para professores de Geografia

“(…), não negamos a grande importância que a motivação tem sobre o processo de aprendizagem. Queremos alertar é para a postura ingênua de se acreditar que a aprendizagem é algo simples, que ocorre sempre que se desperta o interesse do aluno” (MOYSÉS, 2011, p. 41), mas é necessário que o professor desperte o interesse dos alunos a fim de obter resultados satisfatórios. Diante do anteriormente exposto, surge o seguinte questionamento: Quais recursos, eu devo utilizar para manter ou despertar o interesse dos alunos?. Como Carvalho (2004), afirma:

A escola está mudando, precisa mudar. Precisa de uma geógrafa que dê lugar à imaginação ao lado da razão, que permita que nos sintamos em casa neste mundo e descubra que, mais do que nunca, neste fim de século, ‘tudo que é sólido desmancha no ar. (p.152).

Todo recurso didático tem a sua importância, desde aqueles que são confeccionados em sala pelo professor e pelo aluno, àqueles que já vêm prontos para o uso. Como exemplo dos recursos didáticos confeccionados pelo professor e/ou pelo aluno pode-se citar: o álbum seriado, cartazes, maquete, desenhos, flanelógrafo, histórias em quadrinhos, gravuras/ilustrações, mural didático, enfim, recursos esses que está acessível a todos, mas que muitas vezes, passa despercebido, por achar que é desnecessário gastar tempo confeccionando. As ilustrações auxiliam o professor e facilitam a aprendizagem

principalmente na Geografia, afinal, ‘como estudar o Sistema Solar, sem que os alunos o vejam através dos livros?’, ou ‘como definir os tipos de paisagem sem imagens ilustrativas?’. “A geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos” (PCN, 1997, p. 118). O essencial é que o aluno aprenda, afinal quando se usa um desses recursos em sala de aula, faz com que o aluno saia da rotina e crie interesse por um conteúdo que antes parecia ser apenas mais um, levando-o a querer participar de forma ativa do processo ensino e aprendizagem. “[...] a falta de uma escola com significação para os alunos deixa um vácuo na sua formação” (CARVALHO, 2004, p.146).

O apoio dos recursos didáticos disponibilizado nas escolas é uma forma do professor incentivar a aprendizagem, bem como, mostrar que o aluno pode sim, ser um agente ativo do processo ensino e aprendizagem. “Os alunos devem atuar como sujeitos que buscam. Devem ser incentivados à autonomia. Que não mais respondam, ingenuamente, ser a maior dificuldade para se tornar uma médica o ‘decorar os nomes de todos os remédios’” (CARVALHO, 2004, p.152). Afinal quando o professor oportuniza esse aluno a pensar e a problematizar o conteúdo, ele está realmente fazendo o seu papel de professor, e não apenas de transmissor de informações e conhecimentos prontos.

“Segundo Piaget, a criança constrói o conhecimento novo, utilizando estruturas conhecidas” (ALMEIDA, 2010, p. 47). Por essa razão, têm-se a necessidade de usar recursos didáticos diversificados, a fim de que as aulas não se tornem repetitivas, cansativas e monótonas. Cabe ao professor utilizar de maneira correta esses recursos e em conexão com os conhecimentos geográficos estabelecer uma condição favorável de aprendizagem do ensino da Geografia, afinal, “As aprendizagens significativas são construções próprias do sujeito, enquanto processo reflexivo, da descoberta pessoal, de reconstrução de significado” (DEMO, 2010, p.101).

A realidade da escola brasileira, hoje, apresenta dois cotidianos marcadamente separados, o da escola pública e o da escola privada, o que não significa, necessariamente, uma diferenciação quanto à qualidade do ensino. Tal diferenciação, embora sempre tenha existido, toma um novo caráter com a decadência do ensino público levando a uma expansão descontrolada das redes privadas. (CARVALHO, 2004, p.55).

Segundo a citação de Carvalho (2004), acima, pode-se afirmar que, o interesse dos professores independe da escola ser pública ou privada, afinal, nada afeta a criatividade do professor que deseja dinamizar suas aulas. “Porém, qualquer que sejam as condições materiais

da sala de aula, é ela um espaço vivo, criado pelos sujeitos que tecem ali relações sociais: aluno e professor” (CARVALHO, 2004, p.74).

A falta de material didático em algumas escolas é um dos fatores que causam desinteresse nos alunos, pois eles ficam desmotivados de apenas copiarem do quadro ou do livro, e fazer atividades que não entendem o sentido, apenas porque são obrigados a fazer. “Conclui-se que, se a falta de recursos didáticos é um grave problema de nossas escolas, muito mais sério é a sua subutilização” (CARVALHO, 2004, p.116). Mas, essa não deve ser uma das razões para que o professor se acomode, e coloque a culpa em outros, pois também parte do interesse do professor, fazer seus alunos aprenderem. “Competente é o professor que tudo faz para tornar seu aluno um cidadão crítico e bem informado, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive” (MOYSÉS, 2011, p. 15).

As aulas expositivas podem ser diferenciadas com trabalhos em grupo ou individuais, usando materiais que eles possam ver e manusear, como Globo Terrestre, mapas, vídeos-aulas, cartazes/banners, enfim, tudo que possa ser adequado ao conteúdo e utilizado como meio de atrair a atenção dos alunos. “Um mundo que vem se tornando multi-sensorial não pode ter uma escola que exija que os alunos, apenas, ouçam” (CARVALHO, 2004, p.64). Os conteúdos precisam ser ensinados com a ajuda de recursos didáticos diferenciados, a fim de erradicar a ideia de que o professor detém todo o conhecimento explicado por ele e demonstrado pelo livro didático, como bem nos mostra Carvalho (2004, p. 31) ao afirmar que, “são conteúdos veiculados como verdades absolutas, principalmente, através de aulas expositivas, nas quais o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor deste”.

Os recursos didáticos utilizados pelo professor, não precisam ser apenas os tecnológicos ou os que são construídos com determinada finalidade, o professor pode usar sua criatividade e utilizar recursos naturais, como a paisagem vista por uma janela da escola, ou uma fotografia, ou objetos do cotidiano que ajudem os alunos a se apropriarem do conteúdo. Por esta razão Castrogiovanni (2010) afirma que, o docente além de recursos didáticos adequados também pode utilizar outros recursos, como nessa citação: “E pode-se utilizar outros recursos como a observação de uma paisagem ao vivo ou uma Figura desta mesma paisagem, fotografias, vídeos, filmes, etc.” (CASTROGIOVANNI, 2010, p. 89).

(...) muitos outros recursos poderão ser úteis e adequados para a sala de aula. Filmes, vídeos, clips musicais, músicas, artigos de revistas, jornais, podem nos levar aos conteúdos da disciplina, exigindo-se do professor apenas que tenha os referenciais teóricos e metodológicos de sua ciência. (CASTROGIOVANNI, 2010, p. 88).

Na Geografia, uma das ferramentas mais utilizadas na internet, é o Google Earth. Esse é um dos recursos que mais chamam a atenção dos alunos, por ser algo peculiar a eles, a internet. A utilização e o aprendizado através desse instrumento desperta nos alunos, curiosidades, inquietações e interesse pelo conteúdo. Dessa maneira, o Google Earth, é um recurso didático dinâmico e atual, embora, a maioria das escolas não forneça os meios necessários para a utilização de tecnologia em salas de aula. Outros recursos tecnológicos são mais acessíveis, porém, precisam ser utilizados com mais atenção, como é o caso do Google Maps. O professor inclusive pode sugerir que os alunos o consultem fora de sala, para determinadas tarefas de casa, ou até mesmo trabalhos extras. “Diante da necessidade, cada vez maior, de expansão e atualização de informações, mais escolas equipam-se de computadores com acesso à Internet, Por isso, a importância de um serviço como o *Google Maps*” (LESANN, 2009, p. 148).

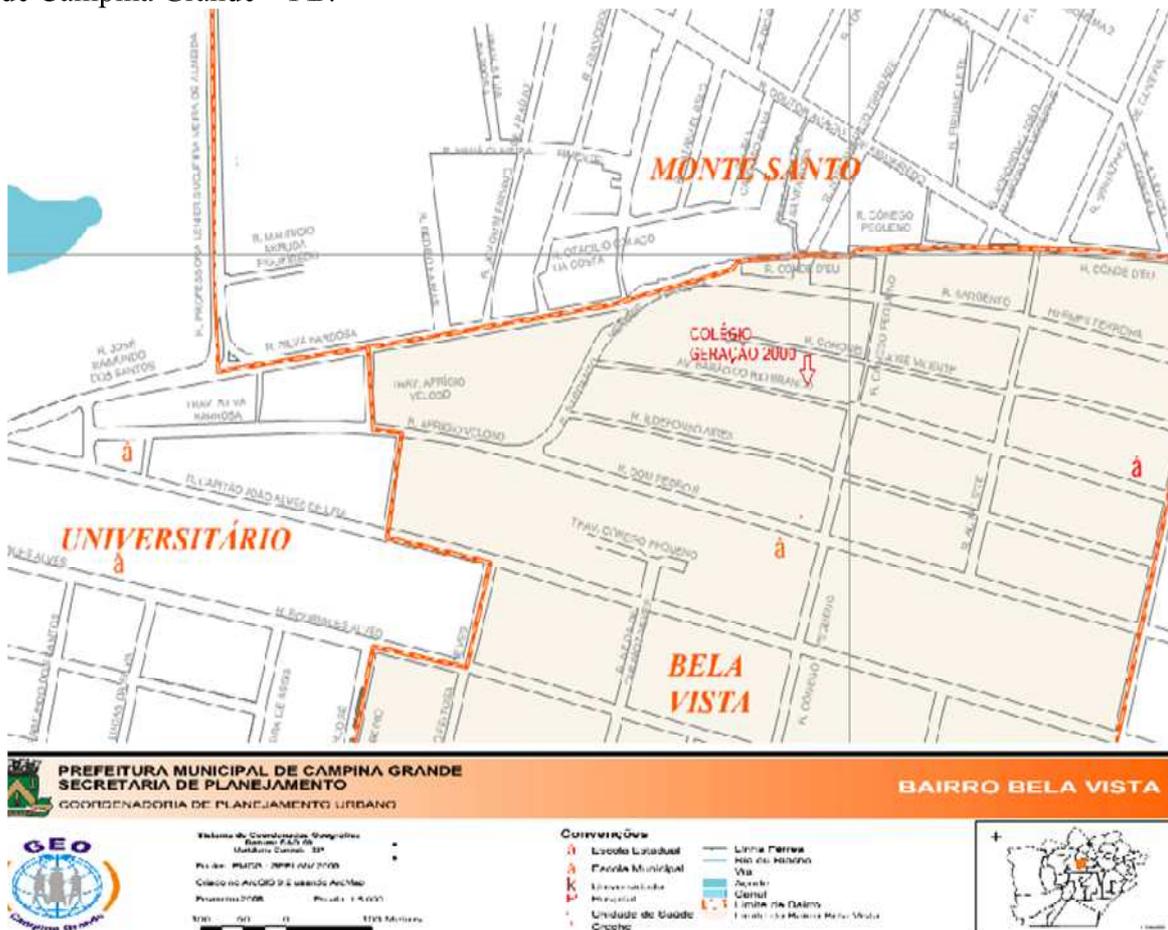
O uso do computador é muito importante para o professor e para os alunos, porém, é preciso que haja um preparo dos docentes, em trabalhar com este recurso, como também uma consciência por parte dos alunos, que a aula que tiver o computador como recurso didático, não é uma mera aula diferente, porém, uma aula onde poderão desfrutar de imagens, vídeos e atividades que facilitarão o seu aprendizado. “Em geral, acostumamo-nos a encarar o computador como uma ferramenta qualquer. O livro didático, as mídias eletrônicas, o lápis e o papel não seriam muito diferentes do computador” (MOREIRA, 2008, p. 57).

Falando sobre trabalhar com imagens, o professor de Geografia não pode dispensar o uso do Atlas em suas aulas, inclusive ele deve incentivar os alunos a estarem sempre consultando-o, visto ser esse um recurso próprio do estudo da Geografia. “Um Atlas é um instrumento essencial para o estudo da Geografia, pelos alunos, desde o Ensino Fundamental I” (LESANN, 2009, p. 144). O Atlas é um instrumento importante, não só para assuntos relacionados à Cartografia, mas também, para localizar países, ver altitudes, zonas climáticas, vegetações, entre muitas e inúmeras utilizações, em diversos conteúdos. “Assim como um dicionário é essencial para o estudo de uma língua, o Atlas escolar é indispensável para aprender Geografia, para criar o hábito de recorrer a esse tipo de obra” (op. cit., p. 144).

O trabalho em campo pode ser também um recurso utilizado pelo professor de Geografia, porém, é preciso, outros requisitos, além da sua vontade de realizar essa aula, como por exemplo, permissão dos pais, permissão da instituição, um bom roteiro, condições de transporte, entre outros fatores. “O Trabalho em campo possibilita ao aluno vivenciar o teórico de forma concreta, cabendo ao professor ter consciência da necessidade de adequá-lo ao nível de seus alunos” (LESANN, 2009, p. 113).

O Colégio Geração 2000, está localizado na R. Rio Branco, 1369, no bairro da Bela Vista, em Campina Grande, Paraíba, sendo este um colégio particular, o ensino ministrado nessa escola é: Educação Infantil, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Tem como gestora, Alba Lédano dos Santos.

FIGURA 2 – localização do Colégio Geração 2000 no bairro Bela Vista, na cidade de Campina Grande – PB.



FONTE: SEPLAN - PMCG. Acesso em: 16/09/2016.

3.2. Caracterização física e ambiental

O Colégio Geração 2000, situado na Av. Rio Branco, 1369, Bela Vista, Campina Grande – PB possui 06 salas de aula, diretoria/secretaria, refeitório, cozinha, biblioteca, dois banheiros e pátio.

O Instituto Ana Nery, situado na R. São Paulo, 435, no bairro da Liberdade, Campina Grande – PB possui 04 salas de aula, diretoria/secretaria, cantina, cozinha, três banheiros e pátio.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram utilizados no presente Trabalho, questionários com doze questões para os discentes, do Instituto Ana Nery e do Colégio Geração 2000. Para análise das respostas dos alunos, foram utilizadas análise em forma de texto, onde suas próprias respostas serão citadas como forma de comprovação. O método utilizado para análise foi predominantemente o método fenomenológico. Na análise dos questionários aplicados aos discentes, verificou-se que as turmas são constituídas por:

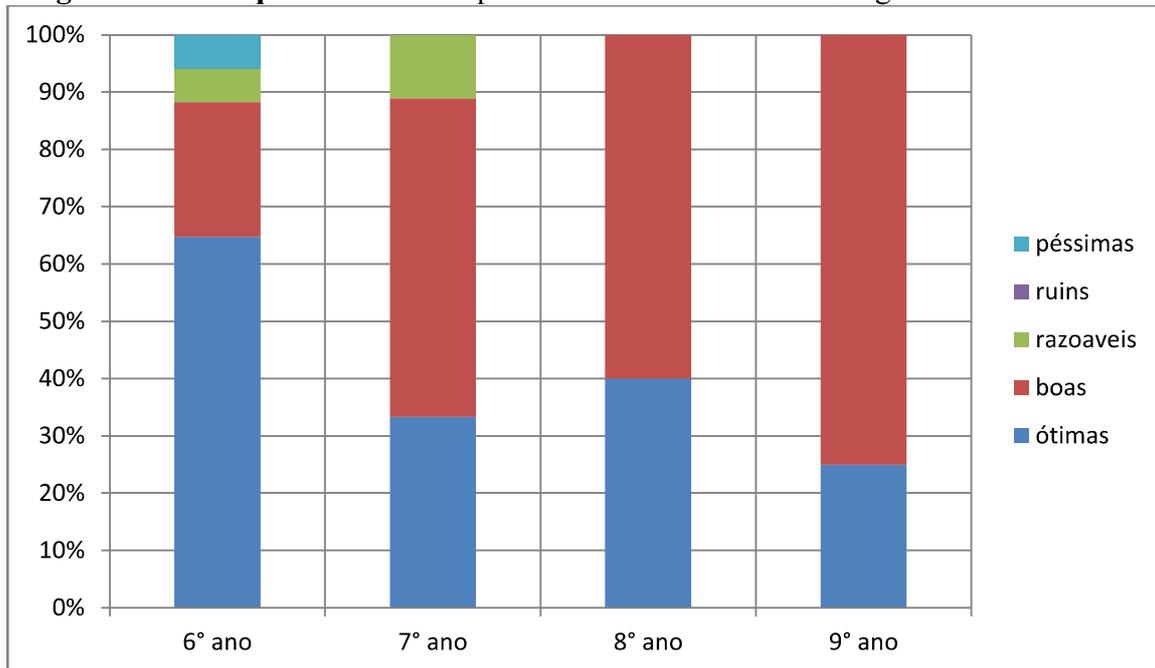
Turma do 6º ano do Instituto Ana Nery total de 11 alunos, sendo 10 meninos e 1 menina; a turma do 7º ano tem um total de 7 alunos, sendo 3 meninos e 4 meninas; a turma do 8º ano tem um total de 9 alunos, sendo 5 meninos e 4 meninas. O questionário foi aplicado nas 3 turmas da manhã que estão em funcionamento nessa Instituição, totalizando 27 alunos das três turmas.

Turma do 6º ano do Colégio Geração total de 9 alunos, sendo 6 meninos e 3 meninas; a turma do 7º ano tem um total de 2 alunos, sendo 1 menino e 1 menina; a turma do 8º ano tem um total de 3 alunos, sendo 3 meninos; a turma do 9º ano tem um total de 7 alunos, sendo 4 meninos e 3 meninas. O questionário foi aplicado em 4 turmas da manhã dessa Instituição, totalizando 21 alunos dessas quatro turmas. As turmas do Ensino Médio foram isentas da aplicação do questionário.

O questionário (apêndice 1) aplicado no ano letivo corrente, no 3º bimestre, foi a forma encontrada para coletar esses dados, de modo a integrar as resposta de todos os alunos, e não de forma isolada.

Nesse questionário foi pedido que os alunos fizessem um desenho representando a Geografia para eles, além de ser solicitado um título dado por eles para a ilustração. Através do quadro demonstrativo abaixo (Figura 3) observou-se o interesse dos alunos por Geografia.

FIGURA 3 – Resultados que os alunos apontaram a respeito das aulas de Geografia
Pergunta n° 8 do questionário: O que você acha das aulas de Geografia?



FONTE: sondagem realizada com os alunos no 3º bimestre/2016.

Após analisar as respostas do questionário aplicado nas duas instituições no Ensino Fundamental, foram coletados os dados e expostos no gráfico (Figura 4), por determinados recursos didáticos, sendo estes especificados: mapas, vídeos, livro didático, slides, quadro e maquete, através das respostas dos alunos, foram realizados cálculos para chegar aos resultados descritos abaixo.

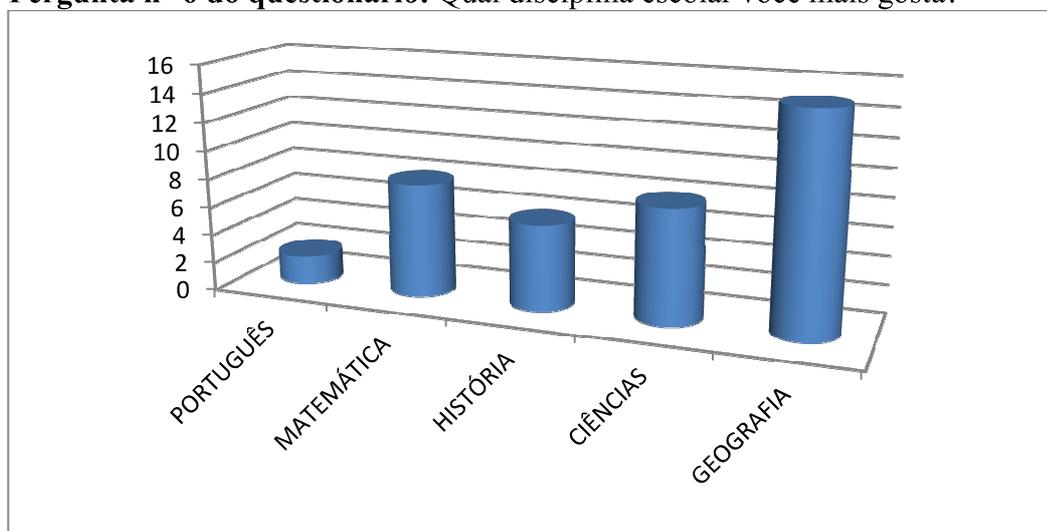
FIGURA 4 – Recursos didáticos que os alunos apontaram como preferidos
Pergunta nº 11 do questionário: Qual tipo de recurso didático usado nas aulas de Geografia, você prefere?



FONTE: sondagem realizada com os alunos no 3º bimestre/2016.

Este questionário também permitiu a constatação (Figura 5) de que os alunos ainda preferem disciplinas que mostram movimento e dinamismo e fogem de sala de aula, como a Educação Física, Artes, ou disciplinas que não exigem leitura e interpretação de texto ou cálculos, por essa razão foi colocado nesse questionário apenas as disciplinas básicas, e o resultado observado durante a execução foi a surpresa e a reclamação a respeito da ausência dessas disciplinas. Por isso, é essencial percebermos que os recursos didáticos, as dinâmicas e as aulas interativas, despertam a curiosidade dos alunos, e melhoram tanto o ensino do professor como a aprendizagem dos alunos.

FIGURA 5 – resultados que os alunos apontaram sobre as aulas de Geografia
Pergunta nº 6 do questionário: Qual disciplina escolar você mais gosta?



FONTE: sondagem realizada com os alunos no 3º bimestre/2016.

Temas atuais sempre são trabalhados em sala de aula, principalmente esse ano, que tivemos os Jogos Olímpicos, e através de maquetes, pudemos ver a criatividade e a interação dos alunos. Então, pôde ser explorado esse tema com muita propriedade já que os alunos confeccionaram maquetes, mostrando as modalidades esportivas, tanto no Instituto Ana Nery (Fig.6) como no Colégio Geração 2000 (Fig.7).

FIGURA 6 – Maquete confeccionada por um aluno do Instituto Ana Nery.



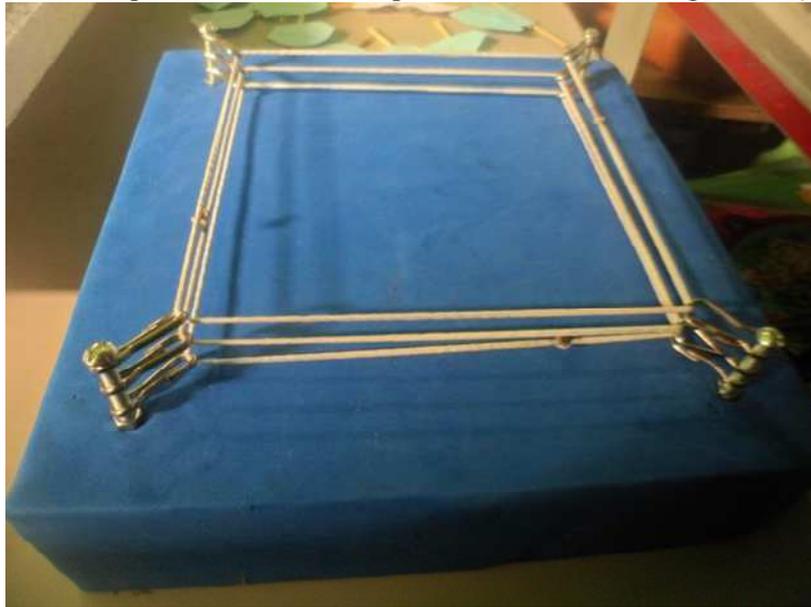
FONTE: coleta de campo/2016.

FIGURA 7 – Maquete confeccionada por um aluno do Instituto Ana Nery.



FONTE: coleta de campo/2016.

FIGURA 8 – Maquete confeccionada por uma aluna do Colégio Geração 2000.



FONTE: coleta de campo/2016.

FIGURA 9 – Maquete confeccionada por uma aluna do Colégio Geração 2000.



FONTE: coleta de campo/2016.

FIGURA 10 – Maquete confeccionada por um aluno do Instituto Ana Nery.



FONTE: coleta de campo/2016

FIGURA 11 – Maquete confeccionada por uma aluna do Colégio Geração 2000.



FONTE: coleta de campo/2016.

FIGURA 12 – Maquete confeccionada por uma aluna do Colégio Geração 2000.



FONTE: coleta de campo/2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que os estudos a respeito do planejamento escolar, bem como das metodologias de ensino utilizadas nas aulas de Geografia relacionam-se com as pesquisas no campo da educação e em pesquisas voltadas à formação dos professores. Embora saibamos que o modo de planejar de cada professor é diferente, este Trabalho pôde apresentar as vantagens de planejar as aulas e de utilizar metodologias diferenciadas com o objetivo de chamar a atenção dos alunos, e mantê-los interessados em aprender, para que o processo de ensino e aprendizagem seja facilitado. Esta constatação nos mostra como o plano de aula é importante para que o professor saiba os objetivos que pretende alcançar e quais as metodologias que ele deve usar para ensinar Geografia, adequando os conteúdos a outros meios de ministrar a aula. Além disso, é essencial percebermos que os recursos didáticos tanto no ensino de Geografia como em outras disciplinas, é um importante instrumento para que as aulas não fiquem monótonas. Assim, observamos que ao utilizar o planejamento básico, há uma maior facilidade de introduzir metodologias, afinal, o plano de aula é um instrumento a ser usado pelo professor em sala de aula, portanto, só ele sabe as dificuldades dos seus alunos em determinados conteúdos, bem como, a dificuldade de aprendizado desses com a disciplina ministrada. Sabendo que o plano de aula básico, é sim, eficaz, mas quando o professor reelabora esse plano básico, e o transforma introduzindo a realidade da comunidade e as situações vivenciadas por esses, têm assim, um plano mais fácil de alcançar os objetivos traçados. Desse modo, a partir da experiência vivenciada durante a elaboração desse Trabalho, o objetivo principal foi saber como os objetivos traçados no plano de aula seriam relacionados aos assuntos referentes a cada série.

É necessário considerar, que o docente é o principal agente das mudanças que ocorrem na educação, ou seja, é através do professor, que o aluno despertará o interesse para aprender ou não. Em outros termos, se o professor não se sentir motivado, ou não tiver interesse em desenvolver os seus alunos no processo de ensino, dificilmente, conseguirá que os alunos se interessem em aprender. Para isso, é imprescindível que cada docente assuma seu papel, e mesmo que este não tenha motivos para estar motivado em sala de aula, deve ainda assim, incentivar seus alunos a seguir no caminho da educação.

Outro fator importante foi identificar a importância de planejar as aulas de Geografia e analisar as forma de ensino de Geografia que existem e o uso do livro didático como recurso imprescindível para o docente, mesmo sabendo que este não deve usar apenas o livro adotado pela escola, como fonte bibliográfica para suas aulas. Espera-se que este Trabalho seja base

de grande ajuda para os docentes que querem mudar suas metodologias, principalmente nas aulas de Geografia, tendo como base as citações dos autores e a reflexão feita aqui com a finalidade de estimular a pesquisa por novos métodos e difundir conhecimentos sobre a importância do planejamento que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- “planejamento”, In: FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio**: novo dicionário da Língua Portuguesa. 2º ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (p. 1343).
- ALMEIDA, Rosângela D. de. PASSINI, Elza Y. **O Espaço Geográfico: Ensino e representação**. SP: Contexto, 2010.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. 9º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRASIL Lei nº 9.394, de 20** de dezembro de 1996. - Ministério da Educação.
- CARRETERO, Mario. **Construtivismo e Educação**. Porto Alegre: Armed, 1997.
- CARVALHO, Maria Inez. **Fim de Século: A escola e a Geografia**. 2º ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2004.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. CALLAI, Helena Copetti. KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia - práticas e textualizações no cotidiano**. 9º edição. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Concepções Teórico-Methodológicas da Geografia Escolar no Mundo Contemporâneo e Abordagens no Ensino**. In: SANTOS, L. L. de C. [et al]. **Convergências e tensões no campo da formação e do Trabalho docente**—Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade – Ensaio sobre o Ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. SP: Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e Diversidade**: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17º edição. SP: Papirus, 2010b.
- COELHO, Novaes Nelly. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ºed. SP: Moderna, 2000.
- DEMO, Pedro. TAILLE, Yves de La. HOFFMAN, Jussara. **Grandes pensadores em Educação**. 5º edição. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d’água, 1997.

- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 4º ed. SP: Cortez, 2004.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento: Como Prática Educativa**. AEC do Brasil. 16º ed. SP: Loyola, 2007.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento: Como Prática Educativa**. AEC do Brasil. 16º ed. SP: Loyola, 1983.
- GIL, Antônio. **Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 1994.
- HAYDT, Regina Célia C. **Curso de Didática Geral**. 8º ed. SP: Ática, 2006.
- INFORSATO, E. C.; ROBSON, A. S. **A preparação das aulas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 86-99, v. 9.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões e propostas**. SP: Contexto, 2010.
- LDB, **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, artigo 22.
- LESANN, Janine. **Geografia no Ensino Fundamental I**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm. 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: Coleção Magistério 2º Grau e Série Formação do Professor**. São Paulo: Cortez, 1987.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5º ed. Goiânia – GO: Alternativa, 2004.
- MASETTO, Marcos. **Didática: A aula como centro**. 4º ed. SP: FTD, 1997.
- MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar? currículo, área, aula**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar? currículo, área, aula**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MOREIRA, Antonio Flavio B. (Org.). **Currículo: Questões atuais**. 14º edição. SP: Papirus, 2008.
- MOYSÉS, Lucia. **O desafio de saber ensinar**. 16º ed. SP: Papirus, 2011.
- OLIVEIRA, João Batista Araujo e. **A pedagogia do Sucesso**. 13º ed. SP: Saraiva, 2002.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.
- PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais (História e Geografia)** – Volume 5. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1997.
- PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3º ed. Brasília, 2001.

- PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1989.
- PINHO, S. T.; ALVES, D. M.; GRECO, P. J.; SCHILD, J. F. G. Método de situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. **Motriz: Revista de Educação Física**. Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 580-590, jul/set. 2010.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva**. SP: Contexto, 2010.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3º ed. SP: Cortez, 2009.
- REGO, Nelson. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. KAERCHER, Nestor André. **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. SP: Artmed, 2007.
- SANTOS, Milton. **As cidadanias multiladas**. IN: RUTH, Cardoso *et al.* **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.
- SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didática**. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. SP: Annablume, 2004.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2ºed. SP: Annablume, 2008.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino e aprendizagem e projeto-pedagógico**. 20º ed. São Paulo: Libertad, 2010.
- VESENTINI, José William. [et. al.]. **Geografia e ensino: Texto críticos**. Campinas. SP: Papirus, 1989.
- XAVIER, Maria Luiza M. & ZEN, Maria Izabel H. Dalla. **Planejamento em Destaque: Análises Menos Convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZUNINO, Délia L. & PIZANI, Alicia P. **A aprendizagem da língua escrita na escola**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

APÊNDICE**MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS****QUESTIONÁRIO:**

- 1- Coloque suas iniciais: _____
- 2- Qual a sua idade? _____
- 3- Nome da sua escola: _____
- 4- Sua série: _____
- 5- O ensino da Instituição em que você estuda é:
() ótimo () bom () razoável () ruim () péssimo
- 6- Qual disciplina escolar você mais gosta:
() Português () Matemática () História () Ciências () Geografia
- 7- Você gosta de Geografia:
() Sim () Não
- 8- O que você acha das aulas de Geografia?
() ótimas () boas () razoáveis () ruins () péssimas
- 9- Você considera a Geografia importante na sua formação como cidadão?
() Sim () Não
- 10- Você concorda que a Geografia está presente no seu dia-a-dia?
() Sim () Não
- 11- Qual tipo de recurso didático usado nas aulas de geografia, você prefere?
() mapas () vídeos () livro didático () slides () quadro () maquete
- 12- Faça um desenho que represente a Geografia para você, e dê um título para sua ilustração:
